

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

JÚLIA TOLEDO JORDÃO

**EM BUSCA DE SENTIDO: uma abordagem semiótica-freudiana da neurose
obsessiva**

Orientador: Prof. Me. Ricardo Radin Bueno

SÃO PAULO

2023

JÚLIA TOLEDO JORDÃO

**EM BUSCA DE SENTIDO: uma abordagem semiótica-freudiana da neurose
obsessiva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Ricardo Radin Bueno.
Grande área de conhecimento: 7.00.00.00-0 - Ciências Humanas.
Área de conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia.

SÃO PAULO

2023

RESUMO

A presente pesquisa se deu como uma análise semiótico-greimasiana da neurose obsessiva e de seus produtos, tais como atos, pensamentos, cerimoniais, impulsos e sanções. Para tal, estudou cronologicamente as obras de Freud que pudessem contribuir à teoria das neuroses obsessivas, indo desde *Primeiras Publicações Psicanalíticas* até *Inibição, Sintoma e Angústia*, explorando conceitos-chave para a compreensão do quadro, como masoquismo, angústia, dúvida e ambivalência afetiva. Também, realizou-se uma pesquisa teórica que reunisse as principais noções pertencentes ao percurso gerativo do sentido da semiótica de Greimas, de modo que conferisse suporte teórico suficiente para a posterior análise, cujo foco se deu sobre a análise da sintaxe narrativa. Como a análise da sintaxe narrativa pressupõe a concepção de um espetáculo, buscou-se determinar seus participantes e suas funções exercidas. Isso permitiu aproximar os papéis actanciais presentes na etapa narrativa às instâncias psíquicas postuladas na segunda tópica freudiana, compreendendo o Eu enquanto sujeito da ação, que age sobre o mundo a partir de estabelecimentos e rupturas de contratos. O cumprimento ou não de tais acordos confere-lhe sanções, positivas ou negativas, percebidas enquanto prazer e desprazer. Por fim, foram apontados novos caminhos possíveis para o prosseguimento do diálogo entre tais campos de saber.

Palavras-chave: neurose obsessiva; Freud; semiótica; Greimas; psicanálise.

ABSTRACT

The present research was conducted as a Greimasian semiotic analysis of obsessive neurosis and its manifestations, such as acts, thoughts, rituals, impulses, and sanctions. To accomplish this, the study chronologically examined Freud's works that could contribute to the theory of obsessive neuroses, ranging from *Early Psycho-analytic Publications* to *Inhibition, Symptoms and Anxiety*, exploring key concepts for understanding the framework, such as masochism, anxiety, doubt, and affective ambivalence. Additionally, a theoretical investigation was conducted to gather the main notions belonging to the generative trajectory of meaning in Greimasian semiotics, providing sufficient theoretical support for the subsequent analysis, which focused on the analysis of narrative syntax. Since the analysis of narrative syntax presupposes the conception of a spectacle, efforts were made to determine its participants and their roles. This allowed for an approximation of the actantial roles present in the narrative stage to the psychic instances postulated in Freud's second topography, comprehending the ego as the subject of action, which acts upon the world through the establishment and rupture of contracts. The fulfillment or non-fulfillment of such agreements confers positive or negative sanctions, perceived as pleasure and displeasure. Finally, potential new paths were indicated for the continuation of the dialogue between these fields of knowledge.

Keywords: obsessive neurosis; Freud; semiotics; Greimas; psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. METODOLOGIA	9
3. A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO GREIMASIANA	11
3.1 NÍVEL DAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS	11
3.2 NÍVEL DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS	12
3.3 NÍVEL DAS ESTRUTURAS DISCURSIVAS	23
4. A NEUROSE OBSESSIVA POR FREUD	25
4.1 ANTES DO “HOMEM DOS LOBOS”	25
4.2 “O HOMEM DOS LOBOS”	34
4.3 ESCRITOS DE 1924	37
4.4 INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA	42
5. ANÁLISE	46
5.1 O PERCURSO TEÓRICO-PSICANALÍTICO DA NEUROSE OBSESSIVA	46
5.2 A NEUROSE OBSESSIVA À LUZ DA TEORIA SEMIÓTICA	50
5.2.1 Até os anos 20	50
5.2.2 Reelaborações	54
5.2.3.1 Com as pulsões de vida e de morte	54
5.2.3.2 Com a segunda tópica	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa busca estabelecer uma ponte entre a psicanálise freudiana e a semiótica greimasiana, ao explorar **o tema do significado nas produções humanas**. Minha atual dupla formação, em Psicologia e em Letras, pode, assim espero, auxiliar a articular abordagens teóricas provenientes de dois campos distintos, enriquecendo a compreensão sobre o significado das manifestações psíquicas e discursivas, além de refletir meu percurso acadêmico.

A ciência da linguagem, a partir das contribuições de Jacques Lacan, passou a ser considerada uma disciplina fundamental para a psicanálise. A ideia de um inconsciente estruturado como linguagem conferiu à linguística uma relevância especial no entendimento dos processos inconscientes e suas formações. No entanto, é importante ressaltar que a formação acadêmica em Psicologia muitas vezes não aprofunda o estudo da linguística¹, o que pode dificultar uma análise crítica da maneira como Lacan estruturou sua releitura da psicanálise freudiana.

Ao analisar as obras de Lacan, é possível observar que ele se baseou principalmente nos estudos de Ferdinand de Saussure e de Roman Jakobson. No entanto, duas considerações surgem: (i) quão minucioso Lacan foi ao aplicar os conceitos linguísticos em sua abordagem psicanalítica? (ii) Outros autores essenciais nesse campo, como Hjelmslev, parecem não ter sido considerados pela teoria lacaniana. Esse linguista dinamarquês, ao repensar o conceito de signo proposto por Saussure, foi fundamental para o desenvolvimento da semiótica de Greimas. Essa separação epistemológica inicial entre a psicanálise e a semiótica retardou o diálogo entre essas duas áreas (BEIVIDAS, 2020).

No entanto, é importante destacar que Lacan propunha um retorno a Freud, e este último estava especialmente interessado no significado das formações do inconsciente, como os sonhos e os sintomas. A psicanálise de Freud tem um interesse central no significado das expressões do inconsciente, como destacado em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* [1900]/(2019). Ele argumenta que os sonhos são realizações de desejos, embora de forma distorcida ou disfarçada. Dessa forma, **os sonhos não são desprovidos de sentido ou absurdos, mas são fenômenos**

¹ O contrário também ocorre. Apesar de algumas áreas da Letras se utilizarem de pressupostos psicanalíticos, não há um estudo aprofundado pelos alunos na graduação.

psíquicos de valor pleno. Eles são, na verdade, construídos por meio de uma atividade mental complexa, inseridos no contexto dos atos psíquicos compreensíveis na vigília (FREUD, 2019).

Nesse caminho, Freud observou que, muitas vezes, certos desejos são inadmissíveis à consciência do sujeito. Se esses desejos fossem plenamente conscientes, poderiam gerar uma tensão insuportável e sofrimento, pois entrariam em conflito com os valores sociais e morais internalizados. Para evitar esse embate, o indivíduo recorre ao mecanismo de recalque, que busca manter no inconsciente os conteúdos e representações ligados a pulsões que contradizem seus valores morais. Esse processo visa preservar o equilíbrio psicológico do indivíduo (ROUDINESCO, 1998). No entanto, essa defesa nem sempre é perfeita, resultando em formações de compromisso, como os sonhos e os impulsos obsessivos.

Assim, a psicanálise de Freud se concentra na compreensão do significado das manifestações psíquicas, que tem escondidos os desejos inconscientes. Essa teoria busca desvendar os significados ocultos por trás das expressões aparentemente desconexas e, ao fazer isso, traz à tona aspectos importantes da vida e da experiência humana.

Por outro lado, a semiótica nasceu com o objetivo de apreender o sentido de um texto em qualquer dimensão que se apresente — um texto é muito mais que um mero conjunto de letras sobre um pedaço de papel; pode se referir a qualquer produção humana, seja uma fala, um texto escrito, um gibi ou até mesmo um desenho.

Em mais detalhes, a semiótica greimasiana é uma seção da linguística que busca compreender o sentido nos textos. Essa busca é possível graças, como vimos, aos estudos de Hjelmslev, que mostrou que o plano do conteúdo pode ser analisado separadamente do plano da expressão (BARROS, 1990). Dessa forma, a semiótica foi sistematizada para identificar o que o texto, como uma unidade estruturada de sentido, comunica e como o faz. Para isso, Greimas desenvolveu a ideia de um *percurso gerativo do sentido*, que consiste em três níveis, cada um com uma gramática singular — composta por sintaxe e semântica. O primeiro nível é o das estruturas fundamentais, onde o sentido é construído por meio de oposições semânticas mínimas entre categorias opostas, que serão expressas de diferentes

formas ao longo do texto. O segundo nível é o das *estruturas narrativas*, em que uma narrativa é desenvolvida a partir da perspectiva de um sujeito, transformando e assumindo os estados do nível fundamental, permitindo a circulação de valores entre os sujeitos. Para desenvolver sua teoria, Greimas se baseia também no trabalho de Tesnière, que enxerga o texto como um espetáculo dramático, e nas teorias de Propp sobre contos maravilhosos. Assim, o semiótico lituano postula a presença de estruturas actanciais (sujeito, objeto, destinador, destinatário, adjuvante e oponente) dentro de um texto, as quais se conectam na narrativa através de relações como manipulação, ação e sanção, todas analisadas no segundo nível do percurso semântico. O terceiro nível é o das *estruturas discursivas*, em que o sujeito da enunciação assume a narrativa, e as estruturas discursivas são observadas em relação à instância que produz e comunica o texto. Nesse nível, a análise semiótica leva em consideração elementos como a enunciação, o contexto social, as intenções comunicativas e as estratégias discursivas utilizadas no texto para produzir significado. Em síntese, a análise semiótica busca compreender como os signos são organizados e articulados para criar sentido e como esse sentido é interpretado pelos receptores. Ainda, embora a psicanálise e a semiótica abordem a questão do significado de maneiras diferentes, ambas reconhecem a importância do inconsciente e do desejo na produção e interpretação de significados.

Dessarte, preocupada com a construção do sentido, a análise semiótica, por meio do percurso gerativo do sentido proposto por Greimas, parece oferecer subsídios para a compreensão das produções obsessivas, como os atos e os pensamentos obsessivos. Dessa forma, o estudo da linguística e da semiótica parecem poder contribuir tanto para a teoria quanto para a prática psicanalítica. Esse movimento de diálogo parece estar em consonância com as críticas de Lacan em relação à psicanálise de sua época, uma vez que a adoção de seu estilo visava criar uma nova linguagem capaz de suprir as deficiências de seu tempo, como a falta de coordenação conceitual, o isolamento metodológico e a cacofonia, dificultando o diálogo, elemento constitutivo do que chamamos de ciência (BEIVIDAS, 2020). Portanto, este estudo se propõe a retomar as obras freudianas, conforme considerado importante por Lacan. Por meio da análise de algumas obras de Freud que permitem compreender a neurose obsessiva e do estudo da teoria semiótica de Greimas, busca-se aqui a essência da ciência: o questionamento, o diálogo e a

abertura para novas perspectivas. Ao examinar os conceitos e as contribuições de Freud e Greimas, o objetivo é não apenas esquematizar o conhecimento legado pelo fundador da psicanálise, mas também promover um diálogo frutífero entre a psicanálise e a semiótica. Esse diálogo tem potencial para enriquecer o entendimento da neurose obsessiva e sua relevância para a prática clínica, seguindo o movimento almejado por Lacan ao dialogar com a linguística e a antropologia de sua época. Assim, conforme Bevidas (2020), não apenas é aconselhável, mas **imperativo que psicanálise e semiótica se sentem juntas à mesa de uma interface para explorar as interseções e expandir o pensamento clínico.**

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em três grandes etapas.

Na primeira, fez-se uma pesquisa teórica em cima da bibliografia semiótica selecionada no projeto. Em outras palavras, buscou-se uma compreensão geral da teoria semiótica greimasiana — a definição de percurso gerativo e a descrição de seus níveis estruturais de geração de sentido. Nesse primeiro momento, pautamo-nos em dois intuitos: 1. ter um conhecimento mais geral da teoria semiótica, a fim de que formássemos uma base razoável do percurso como um todo; 2. obter um conhecimento mais detalhado sobre o nível das estruturas narrativas, visto que a terceira etapa da nossa pesquisa recairia, sobretudo, sobre ela.

Já na segunda parte do nosso trabalho, realizou-se uma pesquisa *sobre* psicanálise. O nosso objeto de estudos foi composto por textos freudianos que pudessem contribuir para o entendimento da neurose obsessiva e suas produções, como pensamentos e atos obsessivos. A leitura se deu em ordem cronológica, com base nos anos de publicação de cada obra.

De acordo com as considerações apresentadas por Fernando Aguiar (2006), Freud destaca que a ciência tem seu início na observação e descrição dos fenômenos, seguida pela tentativa de explicá-los por meio de ideias provenientes de diversas fontes. Ao longo do tempo, essas ideias vão se amalgamando em um sistema, que é concebido como provisório e suscetível a alterações baseadas na experiência. Na pesquisa psicanalítica, trabalha-se no âmbito da generalidade, por meio de um processo contínuo de construção do conhecimento por meio de generalizações progressivas. Desse modo, ratifica-se que a singularidade não exclui a possibilidade de um efeito cumulativo, ou seja, novos conhecimentos se somam ao longo do tempo, enriquecendo o campo de estudo.

Com isso em mente, nesse momento da pesquisa, visamos uma compreensão mais geral da neurose obsessiva, cuja construção se deu tanto por textos já considerados mais gerais quanto estudos de casos. Devido ao objetivo desta etapa — respeitando as singularidades, uma abstração teórica acerca da neurose obsessiva —, tentamos, dentro dos textos gerais e dos casos, selecionar o que poderia ser útil para uma compreensão mais geral, no sentido do que poderia

até mesmo auxiliar na compreensão de outros casos de neurose obsessiva. Por isso, evitamos ao máximo descrever ou dar detalhes sobre sonhos ou outras produções, pensando que isso poderia fugir do que esta pesquisa se propõe e tendo sempre em mente que esse limite (entre singularidade e generalidade) não é tão fácil de ser delimitado. Enfim, como a pesquisa psicanalítica bebe abundantemente da clínica, entende-se que os estudos de caso são uma fonte fundamental à compreensão da psicanálise e, por isso, foram textos essenciais a esta pesquisa.

A última grande etapa da pesquisa se traduz na tentativa de uma leitura semiótica — embasada pelos pressupostos teóricos da etapa 1 — dos achados sobre a neurose obsessiva encontrados na etapa anterior.

O interesse de Freud por outras disciplinas contribui para a criação da psicanálise. Ainda, segundo Aguiar (2006), o pai da psicanálise defendeu que as outras disciplinas podem se beneficiar dos estudos psicanalíticos.

Nada obstante, entendemos que essa tentativa de diálogo não se reduz a uma mera aproximação, visto que os diferentes campos de saber possuem bases epistemológicas distintas. Aguiar, por exemplo, traz contribuições de Mezan e de Lebrun a esse debate, alertando para o fato de que cada ciência tem sua própria racionalidade e, por isso, acabam falando cada uma uma língua. Outra contribuição sua é referente ao entendimento de Mijolla-Mellor do que se entende de pesquisa *com* psicanálise, isto é, das possíveis *interações da psicanálise*. Estas envolvem a confrontação dos discursos provenientes de diversas disciplinas em relação a um mesmo objeto. Essa abordagem permite identificar as características específicas de cada disciplina, sem buscar uma unidade dialógica — o que seria ilusório. Pelo contrário, trata-se de permitir que cada disciplina revele suas particularidades reais, às vezes até mesmo oposições, por trás de aparentes semelhanças conceituais. Essa confrontação também possibilita a precisão dos métodos utilizados, explorando a troca de modelos entre disciplinas e a influência recíproca de conceitos.

Enfim, não somente a pesquisa sobre a psicanálise teria tudo a ganhar com sua integração ao vasto domínio das Ciências do Homem, mas a pesquisa em psicanálise pode se ver renovada e provocada de maneira fecunda pelos resultados provenientes dessas interações (AGUIAR, 2006, p. 127).

3. A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO GREIMASIANA

Neste capítulo, faremos uma tentativa de introduzir os principais conceitos da teoria semiótica. Serão apresentados as três etapas do percurso gerativo do sentido. No entanto, a exposição do nível das estruturas narrativas dar-se-á de maneira mais detalhada, uma vez que a pesquisa a escolheu como foco de análise. Melhor dizendo, a análise, apresentada no final do trabalho, terá um foco maior sobre a etapa narrativa — sobretudo, sobre a sua sintaxe². Dessa forma, a exposição das demais etapas tem o intuito de contribuir para uma compreensão mais completa do percurso gerativo, mas sem tirar o foco do nosso recorte.

Contudo, cabe destacar, antes de adentrarmos cada etapa, que a passagem de uma a outra não se configura enquanto uma ruptura, mas a uma certa manutenção, “introduzindo a continuidade na descontinuidade das etapas” (BARROS, 1988, p. 27). Assim, concomitantemente à manutenção do modelo inicial, a estrutura se complexifica, e o sentido se enriquece.

3.1 NÍVEL DAS ESTRUTURAS FUNDAMENTAIS

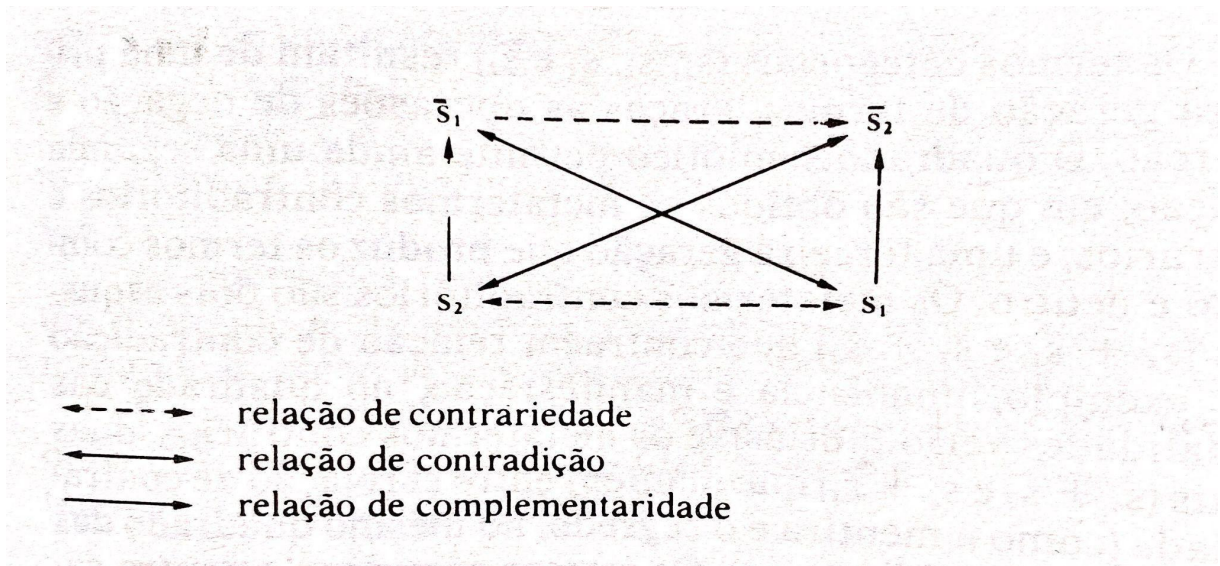
A organização de um percurso, que pode ser euforizante ou disforizante, é orientada pelas relações entre as categorias fundamentais, que são os termos mínimos de oposição semântica. O termo *euforia* é usado para descrever relações de conformidade entre o ser e os conteúdos representados, enquanto *disforia* descreve desconformidade. Quando um texto caminha em direção à euforia, ele é considerado euforizante, enquanto o oposto o torna disforizante (BARROS, 1990).

Para explicitar dinamicamente a estrutura elementar, utiliza-se o modelo lógico do quadrado semiótico. Esse modelo traduz as relações derivadas entre os termos dos pólos em oposições de contrariedade, contradição e complementaridade. Ao realizar operações no quadrado semiótico, um conteúdo é negado e outro afirmado, gerando significação e

² Cada nível possui uma gramática própria, composta de uma sintaxe e uma semântica.

tornando-a suscetível à narrativização (BARROS, 1988). Portanto, o quadrado semiótico é o ponto de partida do percurso gerativo do discurso, constituindo-se como um modelo de previsibilidade e constitucionalidade.

Foto 1 - Quadrado semiótico



Fonte: Barros (1988)

3.2 NÍVEL DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS

A passagem da sintaxe fundamental à narrativa é caracterizada como uma antropomorfização, no sentido de que as operações lógicas são substituídas por sujeitos do fazer, estabelecendo sujeitos de estado por conta da junção com objetos-valor. Já na conversão semântica, ocorre a atualização, isto é, os valores virtuais — referentes àqueles ainda não assumidos por um sujeito na etapa fundamental — são escolhidos e atualizados na narrativa. Isso se dá após os valores serem inscritos em objetos, configurando-os agora como objetos-valor, além da junção destes com os sujeitos. Dessa forma, os valores axiológicos virtuais tornam-se ideológicos, assumidos por um sujeito (BARROS, 1988).

A sintaxe narrativa é concebida como um espetáculo que simula o fazer do homem, sua capacidade de transformar o mundo. A compreensão dessa

narrativa requer a consideração de uma dualidade essencial: por um lado, o fazer transformador resulta em mudanças de estados; por outro lado, há uma contratualidade que abrange tanto estabelecimentos quanto rupturas (BARROS, 1990). De outro modo, essa compreensão envolve o reconhecimento do fazer transformador de um sujeito, que atua no mundo em busca de valores investidos nos objetos. Além disso, tais contratos são estabelecidos entre um destinador e um destinatário e resultam na comunicação, nos conflitos entre sujeitos e na circulação de objetos-valor. Desse jeito, a sintaxe narrativa pode ser compreendida como o simulacro do fazer do homem que transforma o mundo e, para desvendar a organização dessa narrativa, é necessário descrever e explicar as relações e funções do espetáculo, bem como determinar seus participantes: “Em outros termos, as estruturas narrativas simulam a história da busca de valores, da procura de sentido (BARROS, 1988, p. 28)”.

No nível da sintaxe narrativa, observam-se relações de transitividade entre os actantes sujeito e objeto³. Essas relações podem assumir duas formas: junção, que é caracterizada por um enunciado de estado conjuntivo ou disjuntivo, e transformação, representada por um enunciado de fazer, no qual a relação de junção entre sujeito e objeto(s) é modificada, resultando em uma mudança de estado. É por meio dos investimentos do sujeito sobre o objeto que este último adquire a condição de objeto-valor, permitindo que o sujeito acesse os valores nele depositados (BARROS, 1990). Segundo Barros (1988), é por meio da interação entre sujeito e objeto que ambos ganham existência.

[...]o sujeito não existe nem semântica nem semioticamente se não for determinado pela relação transitiva com um objeto. Se a relação que os liga for de disjunção, serão chamados de sujeitos (e objetos) *atualizados*, se de conjunção, serão ditos *realizados*. Anteriormente à junção, os sujeitos serão *virtuais* (BARROS, 1988, p. 30, grifo do autor).

³ Sujeitos e objetos são entendidos como papéis narrativos, podendo assumir a forma, por exemplo, de coisas, pessoas ou animais. Em outras palavras, sujeito e objeto são papéis, e não meramente correspondem, respectivamente, a uma pessoa e a uma coisa. Por exemplo, uma mesma personagem pode corresponder a dois sujeitos narrativos distintos, por exercer mais de um papel na narrativa (FIORIN, 2018).

Entende-se como *programa narrativo* o sintagma elementar da sintaxe narrativa. Ele é constituído por um enunciado de estado e outro de fazer. De acordo com Barros (1990), existem critérios que permitem distinguir os diferentes tipos de programas narrativos. Seguem os critérios a seguir.

1. A natureza da função, que é determinada pelo resultado obtido pela transformação entre sujeito e objeto. Se o resultado é a conjunção do sujeito com o objeto, temos um programa de aquisição de objeto-valor. Por outro lado, se o resultado é a disjunção, caracteriza-se como uma privação.
2. A complexidade e hierarquia dos programas, as quais podem variar. Pode haver programas hierarquizados, nos quais programas secundários são pressupostos pelo programa principal. Utilizando a nomenclatura adequada, a realização de *programas narrativos de uso* são pressupostos para a realização de um *programa de base*. Por outro lado, programas simples não possuem essa hierarquia.
3. O valor investido no objeto, que pode ser modal, envolvendo valores como *dever, querer, saber e poder*, que modificam a relação do sujeito com os valores e ações, ou pode ser descritivo.
4. A relação entre os actantes narrativos (sujeito de estado e sujeito do fazer) e os atores que os manifestam no discurso: o sujeito do fazer e do estado podem ser assumidos por um único ator, configurando um programa reflexivo, ou por diferentes atores, constituindo um programa transitivo.

A combinação dos critérios mencionados estabelece diferentes relações narrativas. Essas relações incluem a doação ou aquisição transitiva (conjunção; sujeito do fazer é diferente do de estado), a apropriação ou aquisição reflexiva (conjunção; sujeito do fazer é igual ao do estado), a espoliação ou privação transitiva (disjunção; sujeito do fazer é diferente do de estado) e a renúncia ou privação reflexiva (disjunção; sujeito fazer é o mesmo do de estado). É importante ressaltar que os programas narrativos estão sempre correlacionados, ou seja, alguém só adquire algo se outro for privado desse algo ou se privar desse algo. Quando dois sujeitos estão em busca do mesmo objeto-valor, é possível distinguir o sujeito do programa, cuja ação é

ênfatizada, do anti-sujeito, que tem seu programa encoberto.

Todo programa narrativo projeta um programa correlato, ou seja, o programa de doação corresponde, em outra perspectiva, ao programa de renúncia, da mesma forma que o programa de apropriação é concomitante ao programa de espoliação. O desdobramento e a correlação de programas levam a ler a transformação de estados como transferência de objetos-valor e como comunicação de objetos entre dois sujeitos que, por meio deles, se relacionam (BARROS, 1988, p. 33).

Definem-se dois tipos de programas fundamentais: a *performance* e a *competência*. A *performance* corresponde à própria ação de apropriação dos valores descritivos desejados. Trata-se de um programa de aquisição ou produção de valores descritivos, no qual o sujeito do fazer e o sujeito do estado estão unidos em um único ator, resultando em uma aquisição por apropriação correlacionada à privação por espoliação. Por outro lado, a *competência* é um tipo de programa no qual valores modais são doados ao sujeito de estado, com o objetivo de capacitá-lo para a ação. É um programa de aquisição de valores modais em que o sujeito do fazer e o sujeito do estado são realizados por atores diferentes, caracterizando uma aquisição por doação. Há um *percurso do sujeito* quando um programa de *competência* é seguido por um programa de *performance*, estabelecendo uma relação de pressuposição.

Durante o percurso do sujeito, os atores sintáticos, como o sujeito de estado, o sujeito do fazer e o objeto referidos no programa narrativo, são redefinidos em papéis actanciais, que não são fixos, mas variam de acordo com o desenvolvimento da narrativa. Nesse contexto, o sujeito é entendido como um actante que pode ser caracterizado por papéis variáveis. Assim, pode-se ser o sujeito de estado afetado de alguma forma pelo programa de *competência* e ser o sujeito responsável pela realização da *performance* ou, pelo menos, ser competente para executá-la. Os outros papéis actanciais contribuem para tornar o sujeito diferente em cada texto analisado (BARROS, 1990).

Existem três percursos diferentes: o do destinador-manipulador, o do

sujeito (elucidado acima) e o do destinador-julgador.

Na manipulação, um sujeito age sobre outro com o objetivo de fazê-lo querer e/ou sentir que deve fazer alguma coisa (FIORIN, 2018). O *percurso do destinador-manipulador* é examinado sob a perspectiva do sujeito doador ou destinador dos valores modais. O destinador-manipulador atua como a fonte dos valores para o sujeito, sendo seu destinatário, e é responsável por determinar quais valores o sujeito buscará, além de fornecer-lhe os valores modais essenciais para a realização da ação (performance). Esse percurso do destinador-manipulador é composto por duas fases: a primeira é a atribuição de competência semântica, enquanto a segunda consiste na doação de competência modal. Nessa segunda fase, o destinador transfere os valores modais (como *querer-fazer*, *dever-fazer*, *saber-fazer* e *poder-fazer*) ao destinatário-sujeito, caracterizando assim o ato de manipulação propriamente dito. É importante salientar que a primeira fase está implícita na segunda, ou seja, o destinatário-sujeito precisa acreditar nos valores estabelecidos pelo destinador para que ocorra a manipulação (BARROS, 1990).

Manipulação e competência são correlativos, ou seja, são pontos de vista diferentes sobre o programa de aquisição por doação. Na manipulação, adota-se a perspectiva do sujeito do fazer; na competência, a do sujeito do estado que “recebe” os valores modais (BARROS, 1988, p. 37).

Pela manipulação, o destinador busca persuadir o destinatário por meio de um contrato fiduciário. Ela ocorre por meio da dotação de competência semântica ou manipulação cognitiva, em que o destinador utiliza um *fazer persuasivo* para obter a adesão do destinatário. O objetivo é fazer com que o destinatário, ao exercer sua função *interpretativa*, acredite na veracidade do objeto apresentado, no discurso do outro e no próprio destinador. Conforme Barros (1988, p. 37), “A confiança entre os homens fundamenta a confiança nas palavras deles sobre as coisas e o mundo e, finalmente, a confiança ou a crença nas coisas e no mundo”.

A manipulação pode se dar em quatro diferentes categorias, dependendo dos conjuntos de valores compartilhados entre o manipulador e o manipulado. Uma das formas é a manipulação por *tentação*, em que valores

desejados são oferecidos ao sujeito em troca de uma ação específica. O destinatário-sujeito passa a desejar realizar essa ação para obter os valores propostos no contrato. Já na manipulação por *intimidação*, busca-se evitar valores temidos ou negativos, levando o destinatário a cumprir o contrato do destinador.

Outra forma de manipulação é a *provocação*, em que o destinador-manipulador possui competência em conhecer uma imagem negativa do destinatário. A alteração do destinatário está relacionada ao seu *dever-fazer*, sendo influenciado por essa imagem negativa. Por fim, temos a manipulação por *sedução*, na qual o destinador apresenta uma imagem positiva da competência, levando o destinatário a querer confirmá-la. O destinador-manipulador possui competência em *saber* referente a uma imagem positiva do destinatário, e a alteração do destinatário está relacionada ao seu desejo de realizar determinada ação.

Segundo Barros (1988), quanto aos critérios que classificam as quatro formas de manipulação, há o de competência do manipulador para o fazer persuasivo e o da mudança modal realizada na competência do sujeito manipulado. Quanto ao primeiro, a persuasão do destinador-manipulador se dá pelo *saber* (provocação e sedução) ou pelo *poder* (tentação e intimidação). Já quanto ao segundo, o sujeito-manipulado pode passar a *querer-fazer* (sedução e tentação) ou a *dever-fazer* (provocação e intimidação).

A manipulação consiste na doação de valores modais, que organizam a competência do sujeito. O destinador, por meio dessa manipulação, transforma o sujeito ao modificar suas determinações semânticas e modais, induzindo-o ao fazer-fazer. Dessa forma, a ação do destinador representa a ação do homem sobre o homem, diferenciando-se da ação do sujeito, que simula a ação do homem sobre o mundo das coisas. É importante destacar que a manipulação narrativa ocorre por meio de contratos entre o destinador e o destinatário, em que a adesão do destinatário é crucial para o sucesso dessa estratégia manipulativa. Quer dizer, o sistema de valores por trás da manipulação precisa ser compartilhado entre as duas partes (BARROS, 1988).

Assim, a manipulação narrativa desempenha um papel fundamental na sintaxe narrativa, pois envolve a interação entre o destinador e o destinatário, os programas narrativos, a dotação de competência semântica e a manipulação cognitiva. A compreensão dessa dinâmica permite desvendar a organização da narrativa, analisando as relações e funções do espetáculo, bem como determinando seus participantes. A manipulação narrativa revela a complexidade das interações entre sujeitos e objetos, influenciando o percurso do sujeito e a circulação de objetos-valor na narrativa.

O percurso do destinador-julgador, conhecido como percurso da sanção, é caracterizado pela sua configuração através do encadeamento lógico dos programas narrativos de interpretação e retribuição. No primeiro, ocorre a análise das ações e valores relacionados, contrastando o acordo inicial do contrato com o que foi realizado pelo sujeito, resultando em uma interpretação veridictória. No segundo, o sujeito é julgado positivamente e recompensado se cumprir sua parte do contrato, enquanto aquele que não o cumpre e é desmascarado enfrenta um julgamento negativo e é punido.

O percurso da sanção consiste em um encadeamento lógico de programas narrativos complexos, responsáveis pela sanção cognitiva e pragmática. A sanção cognitiva leva ao reconhecimento do "herói" e à exposição do "vilão", enquanto a sanção pragmática culmina na retribuição por meio de recompensa ou punição. Ambos os programas pressupõem a dotação de valores descritivos e modais, que modificam o ser do sujeito.

A operação cognitiva da sanção ocorre em duas etapas: o reconhecimento e a interpretação do sujeito e de seu percurso dentro do sistema de valores do destinador. O percurso do sujeito, transformações e estados resultantes, é recategorizado como objeto e passa a ser suporte de valores descritivos e modais, sujeito a interpretação.

Para adquirir sentido, o sujeito precisa ser retomado e lido pelo destinador-julgador. O destinador interpreta os estados resultantes das ações do sujeito, classificando-os como verdadeiros (que parecem e são), falsos (que não parecem e não são), mentirosos (que parecem e não são) ou secretos (que não parecem e são) (BARROS, 1988). Uma vez

veridictoriamente modalizado, o sujeito é então determinado pelas modalidades epistêmicas da certeza ou da dúvida, podendo ser afirmado, recusado, admitido ou posto em dúvida.

[...]o destinador julga a conduta do sujeito e os estados obtidos pelas operações, por sua conformidade ou não com o sistema de valores que representa e, também, em relação aos valores implicitados ou explicitados no contrato inicial com o destinador-manipulador. Cabe-lhe verificar se o sujeito cumpriu o compromisso assumido quando da sua instauração como sujeito da *performance* (BARROS, 1988, p. 40, grifo do autor).

Quando o sujeito é reconhecido e considerado cumpridor do contrato, ele é julgado positivamente e recompensado. Por outro lado, a não obediência ao contrato leva à punição após um julgamento negativo. No entanto, em alguns casos, o sujeito pode ser sancionado por um destinador-julgador que representa valores contrários aos do destinador-manipulador. Isso resulta em um julgamento negativo para aquele que cumpriu o contrato e vice-versa, geralmente ocorrendo na punição do anti-sujeito.

Os percursos narrativos do sujeito e do anti-sujeito caracterizam-se pela oposição e pelo fato de os dois sujeitos estarem interessados no mesmo objeto-valor. O antidestinador manipula e sanciona o anti-sujeito e opõe-se ao destinador do sujeito, pois ambos representam sistemas de valores contrários ou contraditórios (BARROS, 1988, p. 43).

A sequência lógica dos percursos, que reflete a representação do sentido da vida, constitui o *esquema narrativo*. Nesse esquema, o homem age e transforma o mundo movido por determinados valores e contratos. Durante essa busca, ele se confronta com outros sujeitos que também estão interessados nos mesmos valores, porém comprometidos com diferentes destinadores. O cumprimento ou não desses acordos implica que o sujeito, sua ação e os resultados alcançados só adquirem sentido quando são reconhecidos e interpretados dentro de um sistema de valores (BARROS, 1990).

Já a semântica narrativa, no processo gerativo, desempenha o papel

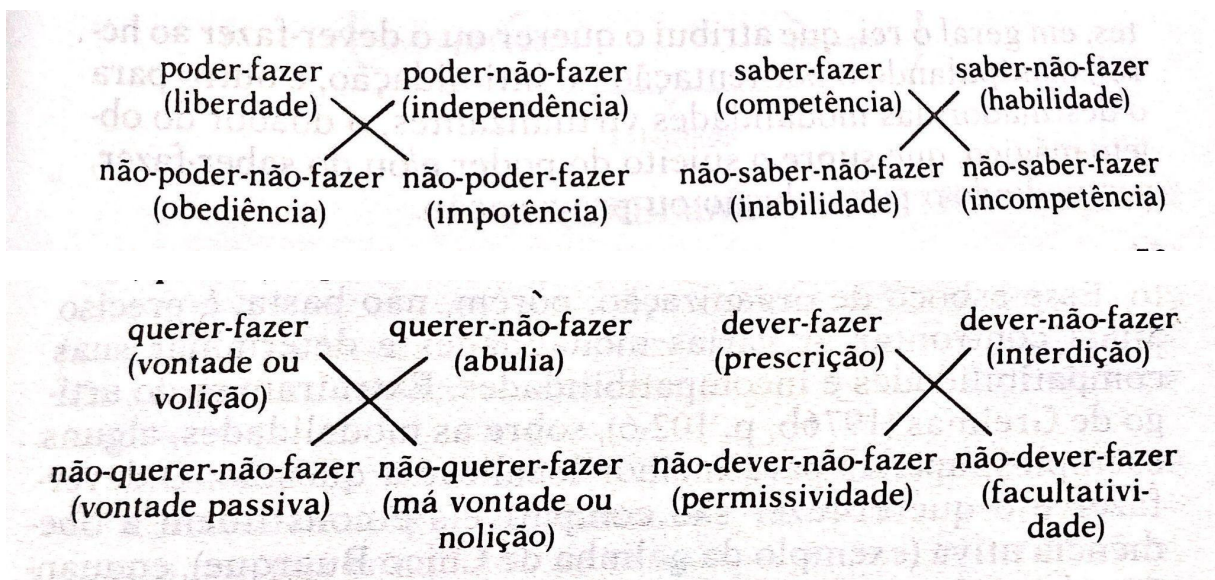
de atualização dos valores. Os termos do nível fundamental, resultantes da combinação de categorias semânticas e axiologizados enquanto valores virtuais, são selecionados e transformados em valores atuais (ou simplesmente valores) na instância narrativa, por meio de sua inscrição em um ou mais objetos juntamente com sujeitos. Nesse contexto, o primeiro passo da conversão é a inserção de elementos semânticos no objeto (BARROS, 1988).

É essencial destacar que a semântica narrativa apresenta quatro modalidades que se aplicam tanto à modalização do *fazer* quanto à do *ser*. Essas modalidades são conhecidas como *saber*, *poder*, *querer* e *dever*. No caso da modalização do *fazer*, a ação do destinador transmite determinados valores modais ao destinatário-sujeito, objetivando que ele execute a ação. Na modalização do *ser*, as modalidades *virtualizantes* (*querer-fazer* e *dever-fazer*) são responsáveis por estabelecer o sujeito, enquanto as modalidades *atualizantes* (*saber-fazer* e *poder-fazer*) o qualificam para a ação. No entanto, quando há incompatibilidade entre esses tipos de modalidades, a concretização da ação pelo sujeito não se realiza (BARROS, 1990). Um sujeito definido pelo *dever* ou pelo *querer-fazer* é chamado de sujeito *virtual*. Se a competência do sujeito incluir também o *saber* e/ou o *poder-fazer*, ele é considerado um sujeito *atualizado* ou competente, qualificado para agir. Somente por meio do fazer ele se torna um sujeito realizado.

Segundo Barros (1988), a modalização do *fazer* é responsável pela competência modal do sujeito no fazer, atribuindo-lhe qualificações para realizar a ação. Os valores ideológicos são valores atualizados e assumidos por um sujeito, estabelecendo uma relação modal entre eles. No que diz respeito à modalização do *fazer*, ela é realizada pela conversão da categoria tímico-fórica fundamental e afeta, na instância narrativa, as relações do sujeito com os valores. As modalidades do *fazer* podem ser divididas em dois tipos: *fazer-fazer* e *fazer-ser*. No caso do *fazer-fazer*, temos a modalidade factitiva, que consiste em uma estrutura modal formada por dois enunciados do fazer, com sujeitos distintos. Uma vez que o *fazer-fazer* é um percurso completo e não apenas um enunciado isolado, o fazer modalizador é, na verdade, o percurso do destinador-manipulador, enquanto o fazedor modalizado é o

percurso do sujeito. O modalizador, portanto, busca estabelecer seu próprio percurso visando ao estabelecimento do percurso do sujeito, o qual é decomposto em competência e performance. Para realizar o fazer-fazer, o modalizador precisa, primeiramente, modificar a competência do sujeito e, somente assim, criar a predisposição para a ação, indiretamente estabelecendo o percurso do sujeito e conferindo modalidade à performance. Em essência, pode-se dizer que o manipulador realiza o fazer-ser, ou seja, por meio de sua ação de natureza cognitiva, ele modifica o estado modal do sujeito do estado, transferindo-lhe, por meio de doação, valores modais que o levam à ação. O segundo tipo de modalidade do fazer é o ser-fazer, que caracteriza a competência do sujeito.

Foto 2 - Modalizações do fazer

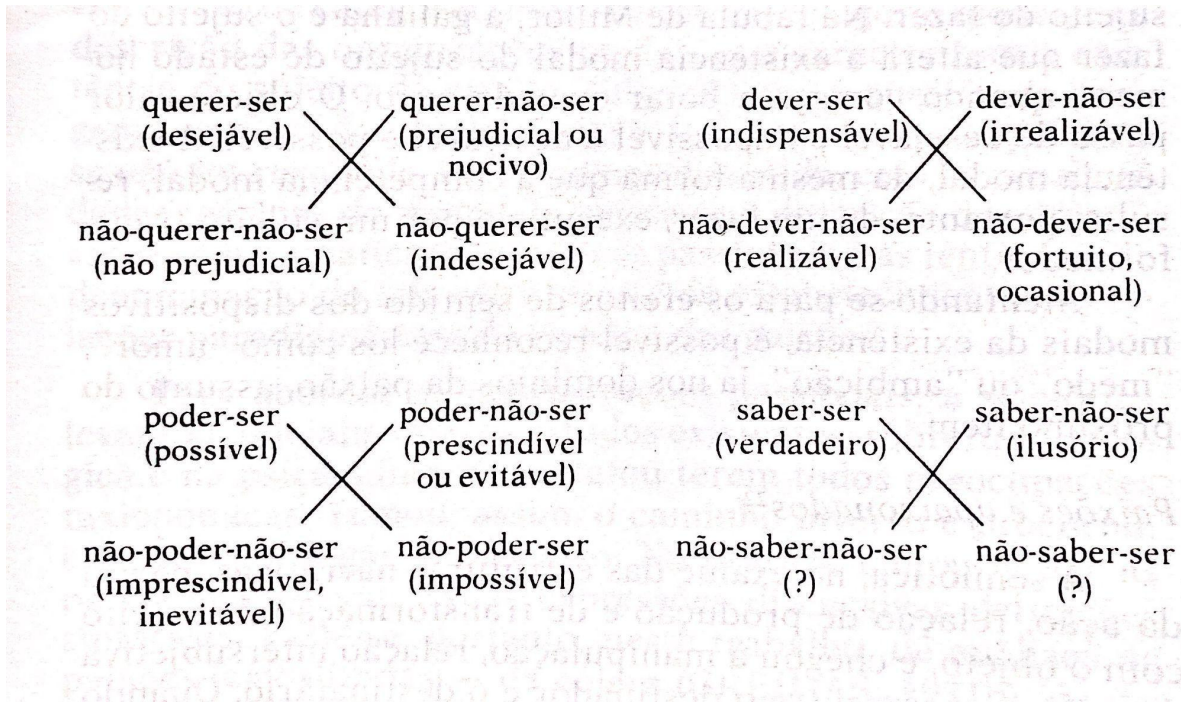


Fonte: Barros (1988)

Por sua vez, a modalização do *ser*, ou do enunciado de estado, resulta tanto da regência de um enunciado do *fazer* (*fazer-ser*) quanto de um enunciado de estado (*ser-ser*). Enquanto o *fazer-ser* caracteriza a performance do sujeito e ocorre obrigatoriamente no percurso do sujeito, o *ser-ser* determina a sanção no percurso do destinador-julgador. A modalização do *ser* confere existência modal ao sujeito do estado, modificando o status dos objetos que se relacionam com o sujeito e definindo estados passionais. Quer dizer, a partir da modalização do *ser*, surgem as paixões, que são efeitos de sentido decorrentes das qualificações modais que

afetam o estado do sujeito. Para compreender essas paixões, é necessário descrevê-las por meio de uma análise que considere as combinações das modalidades.

Foto 3 - Modalizações do ser



Fonte: Barros (1988)

Em síntese, a modalização deve ser compreendida como a determinação sintática dos enunciados.

Existem, ainda, as modalidades veridictórias, que são aplicadas à função-junção e determinam sua validade. Dessa forma, o problema da verdade é substituído pelo da veridicção ou do ato de dizer a verdade: um estado é considerado verdadeiro quando outro sujeito, que não é modalizado, o declara verdadeiro. O destinatário é colocado em uma posição de falta de liberdade, ou seja, ele não pode se recusar a aceitar o contrato proposto. Nesse caso, o destinador exerce uma influência persuasiva por meio de sua ação, e a resposta do destinatário é uma interpretação desse fazer.

O fazer persuasivo procura *fazer-criar* por meio do *fazer-parecer-verdadeiro*. Não se trata de produzir, de criar verdades, mas sim *efeitos de verdade*. O sujeito do fazer persuasivo quer levar seu destinatário a crer que o estado que apresenta parece e é verdadeiro (ou falso, etc.). Realiza, portanto, uma

performance cognitiva (BARROS, 1988, p. 56, grifo do autor).

3.3 NÍVEL DAS ESTRUTURAS DISCURSIVAS

A comunicação é um ato de escolha, uma vez que selecionamos determinados significados dentro do universo simbólico em que operamos, excluindo outros (GREIMAS, 1976). No entanto, essa liberdade é limitada. Por meio do percurso gerativo, podemos compreender como os significados são construídos e transformados em uma narrativa ou discurso.

O percurso gerativo proposto por Greimas é composto por diferentes níveis. Inicialmente, temos o nível narrativo, em que são identificadas as unidades de ação e as sequências narrativas. Em seguida, ocorre a transição para o nível discursivo, em que são analisadas as relações semânticas e discursivas entre os elementos presentes na narrativa.

No nível discursivo, o sujeito da enunciação assume um papel fundamental ao fazer escolhas relacionadas ao tempo, personagens, espaço e circunstâncias, transformando a narrativa em discurso. Nesse processo, ocorrem a actorialização, a temporalização e a espacialização (GREIMAS; COURTÉS, 2020).

A superfície textual, que corresponde à última etapa do percurso gerativo, apresenta estruturas mais complexas e específicas (BARROS, 1990). Essas estruturas desempenham a função de revestimento, conferindo forma e manifestação à narrativa ou ao discurso (FIORIN, 2018).

No âmbito da comunicação, é importante destacar que um discurso sempre visa convencer o destinatário de seu conteúdo (TATIT, 2010). Para Greimas (2014, p. 122, grifo do autor), “Se a verdade é apenas um efeito de sentido, conclui-se que sua produção consiste no exercício de um fazer particular, um *fazer-parecer-verdadeiro*, isto é, a construção de um discurso cuja função não é o dizer-verdadeiro, mas o parecer-verdadeiro”. Sendo assim, o enunciador utiliza mecanismos discursivos que buscam criar uma ilusão de verdade — trata-se de um fazer persuasivo. É também relevante

mencionar que o enunciador espalha pistas que direcionam a interpretação do discurso, mas cabe ao enunciatário encontrar essas pistas e realizar a ação subsequente. Todavia, duas razões podem justificar a falha: a má construção do discurso e o confronto com outros textos (BARROS, 1990).

Quanto ao enunciador, ele pode se valer da utilização de táticas como pressupostos e subentendidos. Os pressupostos buscam aprisionar o discurso em um conjunto específico de valores, enquanto os subentendidos revelam o que se pretende dizer sem ser dito explicitamente.

Na análise semântica discursiva, podemos observar a presença de percursos temáticos que representam os valores assumidos pelo sujeito da narrativa. A figurativização ocorre quando figuras de conteúdo conferem uma certa sensorialidade a percursos temáticos. A reiteração dos temas e das figuras, o que é denominado como isotopias, assegura a coerência semântica do discurso (TATIT, 2010). Além disso, determinados conteúdos podem desencadear novas leituras devido à sua complexidade ou dificuldade de interpretação em outras linhas isotópicas (BARROS, 1990).

Em resumo, o percurso gerativo no nível discursivo destaca o papel do enunciador na construção de sentido, por meio de escolhas estratégicas e do uso de pistas e táticas persuasivas. Os percursos temáticos e a figurativização enriquecem o discurso, permitindo explorar diferentes camadas de significado. Compreender esses elementos é fundamental para uma análise aprofundada da construção de sentido em um texto.

4. A NEUROSE OBSESSIVA POR FREUD

Como mencionado na seção *Metodologia*, buscou-se, neste trabalho, a localização das obras freudianas relevantes ao entendimento da neurose obsessiva. Isso foi feito de maneira cronológica, isto é, seguindo os anos de publicação dos textos, a fim de que a apreensão da complexificação dos conceitos teóricos fosse favorecida.

Cabe ressaltar que este trabalho visou continuar uma pesquisa iniciada e finalizada em outra instituição — uma iniciação científica realizada por mim com orientação do Prof. Dr. Waldir Bevidas do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e bolsa FFLCH. Nesse outro trabalho que também tinha como pretensão uma leitura semiótica sobre os achados psicanalíticos sobre a neurose obsessiva, foram estudados os seguintes textos freudianos: *As neuropsicoses de defesa* [1894]/(1986); *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* [1895]/(1986); *Atos obsessivos e práticas religiosas* [1907]/(2015); *Caráter e erotismo anal* [1908]/(2015); *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”]* [1909]/(2013); *A predisposição à neurose obsessiva* [1913]/(2010); e *Recordar, repetir e elaborar* [1914]/(2010).

Dessa maneira, na primeira subseção do capítulo, evidenciaremos esses achados já trabalhados, mas com um acréscimo de visão possibilitado pela continuação do exercício da pesquisa, além da exposição de um novo texto, *Totem e tabu* [1912-1913]/(2012), com o objetivo de manter uma apresentação cronológica da obra freudiana. Nas demais subseções, outros textos serão trabalhados, como *História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”]* [1918]/(2010); *Neurose e psicose* [1924]/(2011); *O problema econômico do masoquismo* [1924]/(2011); *A perda da realidade na neurose e na psicose* [1924]/(2011); e *Inibição, sintoma e angústia* [1926]/(2014). Em suma, todas as obras apresentadas neste capítulo serão úteis à análise semiótica em capítulo posterior.

4.1 ANTES DO “HOMEM DOS LOBOS”

Começaremos nossa exposição a partir do texto *As neuropsicoses de defesa* [1894]/(1986), no qual Freud examina a relação entre eventos traumáticos e o desenvolvimento de sintomas. O ponto central do texto se dá sobre a teoria da defesa, esta que é provocada por uma **incongruência entre uma representação e seu eu**⁴. De outra maneira, **a atividade do pensamento falha na tarefa de resolver tal incompatibilidade referente à vida representativa**. Como consequência, surge uma **divisão do conteúdo da consciência**, a qual se dá por meio de um ato voluntário do sujeito. No entanto, isso não significa que essa tenha sido sua intenção; seu objetivo era outro, mas, em vez de conseguir atingi-lo, produz a segmentação da consciência. Mais especificamente quanto à obsessão, vimos neste texto, que ela é um ato de defesa do eu defronte a representação incompatível, mas, que em vez de expulsá-la, ela é apartada de seu afeto. De um lado, a representação ainda continua na consciência, apesar de enfraquecida. De outro, **o afeto agora livre faz ligação com outras representações que guardam certa compatibilidade em si mesmas. A esse fenômeno, Freud dá o nome de falsa ligação, e é assim que as representações ganham o caráter obsessivo**. Ainda, destaca-se que esse afeto é de uma força incompreensível e que a separação entre ele e a representação se dá fora do domínio da consciência. Ademais, esse trabalho é contínuo: a defesa precisa estar sempre a postos contra tais representações sexuais, as quais surgem incessantemente.

Em *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia* [1895]/(1986), há um aprofundamento dessas questões, já que se trata de um texto com recorte mais específico. Aqui, o autor afirma que dois elementos são encontrados na obsessão: em primeiro lugar, há **um conteúdo ideativo que se impõe ao sujeito; em segundo, um estado emocional a ele associado**. Enquanto a **representação varia — ou, até mesmo, muda de objeto —, o estado emocional se mantém inalterado** e pode se dar sob a forma de dúvida, remorso, raiva ou angústia. Em outros termos, o conteúdo ideativo que se liga ao afeto não é mais o original, e sim um substituto — o que configura a *falsa ligação*. Enquanto isso, tem-se que a representação original é referente a uma experiência penosa que se deu na vida sexual do paciente, este não medindo esforços para esquecê-la. Além do mais, mais

⁴ Ressalta-se que a ideia de *eu* ainda não é aquela formulada na segunda tópica freudiana. Aqui trata-se apenas de uma noção incipiente, que se desenvolve ao longo das publicações freudianas. Para fazer tal distinção, a grafia aqui dar-se-á em caracteres minúsculos.

especificamente sobre a dúvida obsessiva, declara-se que é gerada por um processo bem lógico — como quanto **à dúvida da confiabilidade da memória, que seria fruto da dispersividade na atividade da atenção, que se dá por conta de uma interrupção no curso do pensamento.** Já quanto aos **atos e impulsos obsessivos,** diz-se que a função deles, de início, seria a de medida protetora ou de alívio, sendo substitutos da representação original.

Mais para frente, em *Atos obsessivos e práticas religiosas* [1907]/(2015), a neurose obsessiva é postulada enquanto uma entidade clínica específica que comporta tanto atos obsessivos e cerimoniais quanto ideias, pensamentos e impulsos obsessivos. Nesse contexto, **os cerimoniais obsessivos são caracterizados pela repetição meticulosa de pequenas ações cotidianas, incluindo acréscimos, restrições e arranjos. Embora essas formalidades sejam percebidas como irrelevantes pelo paciente, ele é compelido a realizá-las para evitar uma angústia intensa. Devido à tal *conscienciosidade* somada à angústia que segue a omissão, o cerimonial é encarado como *ato sagrado*, no qual toda perturbação é mal tolerada.**

Os cerimoniais obsessivos podem dificultar e atrasar atividades e ocasiões, tratadas de maneira adornada. São eles que dão origem aos atos obsessivos, que são seguidos de proibições e impedimentos. O sujeito sente a necessidade de realizar certas ações e que não pode realizar outras. Inicialmente, esses comportamentos obsessivos afetam principalmente as atividades solitárias do sujeito, o que pode acarretar o ocultamento de sua situação. Em sua forma mais branda, **os atos obsessivos se manifestam como uma exageração de ordens habituais e justificadas.**

Freud destaca a importância dos atos obsessivos em termos de sentido e significado. Ele enfatiza que esses atos são expressões de vivências e pensamentos investidos de afetos relevantes, podendo ser interpretados tanto de maneira histórica quanto simbólica. No entanto, o sujeito executa essas ações sem estar ciente de seus verdadeiros significados e motivações inconscientes.

A neurose obsessiva também está associada a um sentimento de culpa que tem origem em processos psíquicos infantis. Esse sentimento de culpa é reavivado a cada nova tentação e está relacionado à expectativa de desgraça. O sujeito não percebe a conexão entre a tentação e a angústia que a

acompanha. Por meio dessa ligação, surge a noção de castigo. Essa dinâmica tem origem no recalque de um componente da pulsão sexual constitutivo do sujeito e que, apesar de inicial e temporariamente se manifestar, posteriormente é suprimido.

Tal sentimento de culpa tem sua fonte em determinados processos psíquicos da infância, mas é continuamente reavivado na tentação que se repete a cada novo ensejo, e, por outro lado, faz surgir uma angústia expectante que sempre fica à espreita, uma expectativa de desgraça que, mediante a noção de castigo, acha-se ligada à percepção interna da tentação (FREUD, 2015, p. 308).

Com isso em mente, a tentação seria nada menos que influência da pulsão recalçada, cuja pressão se faz assídua. Os atos obsessivos e cerimoniais são considerados defesas contra a tentação e funcionam como uma forma de proteção contra as desgraças esperadas. No entanto, quando essas ações protetoras não são suficientes, surgem proibições que substituem os atos obsessivos, afastando assim a situação que desencadeia a tentação.

O sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos tem contrapartida na asseveração, pelos devotos, de que sabem que no fundo são grandes pecadores; e as práticas devotas (orações, invocações etc.) com que principiam cada atividade cotidiana e, sobretudo, cada empreendimento excepcional, parecem ter o valor de medidas defensivas e protetoras (FREUD, 2015, p. 309).

Freud argumenta que os sintomas da neurose obsessiva, como formações de compromisso, reproduzem de alguma maneira o prazer que se busca evitar. Esses sintomas são uma resposta tanto à pulsão recalçada quanto às instâncias psíquicas responsáveis pelo recalque. O simbolismo e o detalhamento na execução dos atos obsessivos são características distintivas dessa neurose e ocorrem por meio do mecanismo de deslocamento, no qual algo verdadeiro é substituído por algo de menor importância.

No ensaio *Caráter e Erotismo Anal* [1908]/(2015), Freud explora conceitos relacionados à fase anal do desenvolvimento psicosexual e sua conexão com a neurose obsessiva. Durante a fase de latência, surgem sentimentos de vergonha, nojo e considerações morais como reações contrárias às pulsões sexuais. Comportamentos como higiene excessiva, busca por ordem meticulosa e

necessidade de confiabilidade são manifestações de um interesse oculto pelo que é sujo e perturbador. Nesse contexto, a neurose obsessiva é vista como uma forma de linguagem simbólica, em que as palavras recuperam seu sentido original.

Freud também aborda a relação entre a fixação anal, a formação do caráter e a predisposição à neurose obsessiva. Indivíduos com um caráter anal-retentivo, caracterizado por traços de controle, ordem e meticulosidade excessiva, são mais propensos a desenvolver essa forma de neurose. A ênfase exagerada na retenção e no controle dos impulsos durante a fase anal resulta em um estilo de vida rígido e obsessivo, refletido nos comportamentos característicos da neurose obsessiva, como a busca por simetria, perfeição e repetição ritualística.

Assim, o ensaio "Caráter e Erotismo Anal" de Freud destaca a conexão entre o desenvolvimento psicosssexual, a formação do caráter e a manifestação da neurose obsessiva. Suas observações revelam a complexa interação entre os aspectos psicológicos e sexuais na estruturação da personalidade e no surgimento dos sintomas obsessivos.

Em seu grande ensaio *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* ["o homem dos ratos"] [1909]/(2013), Freud apresenta elementos fundamentais para compreender a neurose obsessiva em geral. Ele destaca a **ambivalência** afetiva como um conflito entre amor e ódio que forma a base dessa condição. O ódio, que é insuportável para aquele que ama, é recalcado e retorna como sintoma. A ambivalência afetiva resulta em pensamentos contraditórios, onde o "sim" e o "não" correspondem a esses sentimentos opostos.

Tais ações obsessivas em dois tempos, em que o primeiro é anulado pelo segundo, ocorrem tipicamente na neurose obsessiva. Elas são naturalmente mal-entendidas pelo pensamento consciente do enfermo e dotadas de uma motivação secundária — racionalizadas. Seu verdadeiro significado, porém, está na representação do conflito entre dois impulsos contrários de magnitude aproximadamente igual, pelo que até agora pude constatar: sempre a oposição entre amor e ódio. Elas reclamam um interesse teórico especial, pois deixam perceber um novo tipo de formação de sintomas. Em vez de, como sucede normalmente na histeria, achar um compromisso que contemple os dois opostos numa só representação, que mate dois pássaros com um só tiro, os opostos são aí satisfeitos isoladamente,

primeiro um e depois o outro, naturalmente não sem que antes se fizesse a tentativa de criar uma espécie de conexão lógica — muitas vezes ao arrepio de toda lógica — entre os dois contrários hostis (FREUD, 2013, p. 53).

Além disso, o autor discute a importância do autossacrifício no prazer do obsessivo, pois está de acordo com seus valores. O obsessivo utiliza erros nas associações, falhas de memória, omissões, premissas falsas e deslocamentos para manter a dúvida — o que o afasta da realidade e o mantém em seu castigo obsessivo, que lhe gera prazer. A incerteza viria da sobrevivência constante das fantasias inconscientes, que perturbam a elaboração de orações. Ainda, o sujeito gasta uma enorme energia em **pensamentos obsessivos**, adiando a ação e envolvendo-se em tramas complexas.

Conforme Freud, os pensamentos invasivos persistentes são acompanhados por afetos perturbadores. Surge um afeto doloroso quando o desejo se manifesta, acompanhado pelo medo de que algo terrível aconteça. A fim de evitar o desastre e afastar o afeto penoso, surgem impulsos contrários, que agem como medidas protetoras. Esses atos de defesa são, na verdade, sanções às quais a pessoa é submetida e que, no fim, adere para que a fantasia não se concretize.

O autor ressalta que esse afeto está ligado a um conteúdo inconsciente que toma outro como substituto, o que dificulta o combate à ideia penosa. O sofrimento do paciente reside nesse pensamento involuntário, que provém do inconsciente infantil, uma parte da personalidade que não se desenvolveu adequadamente e foi reprimida. Vale lembrar que o que é inconsciente é considerado imutável, enquanto que o que é trazido à consciência perde força.

Freud explica que o **amor** intenso não consegue extinguir o **ódio** porque este está ligado a uma fonte inconsciente indestrutível. A força e a intensidade tão grandes desses sentimentos levam os obsessivos a acreditar na onipotência de seus pensamentos, sentimentos e desejos. O obsessivo supervaloriza o impacto de seus sentimentos hostis sobre o mundo externo, pois uma considerável parte do seu efeito interno escapa à consciência. O amor, ou melhor, o ódio do obsessivo é extremamente poderoso, gerando os pensamentos obsessivos cuja origem ele não compreende e contra os quais se defende ineficientemente.

Além do mais, a luta entre esses opostos resulta em uma paralisia parcial da vontade, que se estende para outros aspectos da vida. A **dúvida** surge como uma incerteza em relação ao amor, causada pela inibição do amor devido ao ódio. A indecisão não se limita a um grupo específico de ações, mas se estende gradualmente a todas as atividades do indivíduo.

Em resumo, nesse estudo de caso, Freud explora a ambivalência afetiva, o autossacrifício prazeroso, os mecanismos de defesa, os pensamentos invasivos persistentes e a paralisia parcial da vontade. Ele revela a influência do inconsciente infantil, a ligação indestrutível entre o ódio e o amor intenso, e a onipotência dos pensamentos e desejos obsessivos, além da importância do mecanismo do deslocamento nas formações de compromisso.

A tendência desse deslocamento era clara o bastante; se ele deixasse que a recriminação fosse para onde cabia, teria que abandonar uma satisfação sexual a que provavelmente era impelido por fortes determinantes infantis. Obteve então, com o deslocamento, uma considerável vantagem da doença (FREUD, 2013, p. 59).

Por sua vez, em *Totem e tabu* [1912-1913]/(2012), um de seus mais famosos textos de cunho social, Freud tece algumas relações entre o tabu e as interdições obsessivas. Em ambos os casos, temos que os cerimoniais são as proibições que, à primeira vista, são absurdas e indecifráveis.

As interdições obsessivas são demasiadamente suscetíveis ao deslocamento. Dessa forma, elas migram de objeto através de conexões que preenchem o novo objeto com a qualidade da impossibilidade, que invade o mundo. Assim como as proibições do tabu, esses objetos *impossíveis* possuem um alto potencial de contágio e transmissibilidade⁵. Nessa perspectiva, o contato é perigoso e passa a ser o ponto central da neurose:

Como no tabu, a interdição principal e núcleo da neurose é a de contato, daí o nome “medo do toque”, *délire de toucher*. A proibição se estende não só ao contato direto com o corpo, abrangendo o que designamos, em linguagem figurada, com a expressão “entrar em contato”. Tudo que dirige os pensamentos para a coisa proibida, que produz um contato em

⁵ “Também sabemos que quem infringiu um tabu ao tocar em algo que é tabu torna-se ele próprio tabu e ninguém pode entrar em contato com ele” (FREUD, 2012, p. 55).

pensamento com ela, é proibido tanto quanto o contato físico direto. A mesma abrangência é encontrada no tabu (FREUD, 2012, p. 54-55).

Ademais, com as interdições que seguem, a vida do obsessivo é representada pelas suas limitações e abdições. Com isso, os atos obsessivos vêm para cancelar ao menos em parte essas proibições. Em outras palavras, a fim de que a violação da proibição seja reparada, as ações de caráter obsessivo *têm* de ser executadas. Essas ações costumam apresentar os traços de penitência, limpeza, expiação e medida defensiva.

A força da proibição — ou seja, sua qualidade obsessiva — surge de seu correspondente inconsciente oposto, o desejo secreto e não amortecido que se encontra inteligível à consciência. Esse desejo se desloca ininterruptamente, buscando também substitutos — objetos e ações — adequados para o proibido, o que faz com que a proibição também se mova. Tudo se segue da seguinte maneira:

A proibição responde a cada novo avanço da libido reprimida com um novo aguçamento. A mútua inibição dos dois poderes conflitantes produz uma necessidade de descarga, de arrefecimento da tensão dominante, em que podemos reconhecer os motivos das ações obsessivas. Estas são, na neurose, nítidas ações de compromisso, de um lado testemunhos de arrependimento, esforços de expiação etc.; de outro, ações substitutas, que compensam o instinto pelo que foi proibido. É uma lei do adoecimento neurótico que tais ações obsessivas estejam cada vez mais a serviço do instinto e se aproximem cada vez mais da ação proibida originalmente (FREUD, 2012, p. 59).

Temos assim, em síntese, a congruência entre tabu e obsessão descrita da seguinte maneira: 1. pela carência de razões dos preceitos; 2. por sua reiteração por uma necessidade interna; 3. por sua natureza deslocável e pela ameaça de contágio pelo proibido; e 4. por darem luz a cerimoniais, regras que surgem das proibições.

No texto *A predisposição à neurose obsessiva* [1913]/(2010), também são abordadas questões fundamentais relacionadas à neurose obsessiva. Freud destaca a importância das pulsões parciais erótico-anais e sádicas, que desempenham um papel significativo na organização pré-genital da vida sexual. Ele associa essas pulsões à passividade e atividade respectivamente, associando a neurose obsessiva

a um estágio pré-genital sádico-erótico-anal que pode anteceder e substituir a fase genital.

Além disso, Freud ressalta características específicas da constituição obsessiva. Ele retrata a constituição obsessiva pela não admissão da regressão, somada às formações reativas contra ela e às formações sintomáticas. Estas existem como compromissos entre os os lados do conflito interno. Há também uma divisão das atividades psíquicas entre conscientes e inconscientes. Outrossim, o impulso de conhecimento, de acordo com Freud, é uma expressão sublimada da pulsão de apoderamento, elevado ao domínio do intelecto.

Por fim, o autor enfatiza o desenvolvimento de uma supermoral por parte dos obsessivos. Essa supermoral é construída para proteger o amor objetal diante da própria hostilidade. Freud sugere que o ódio pode ser o precursor do amor, indicando a complexidade dos afetos presentes na neurose obsessiva.

Dessa forma, o texto apresenta as relações entre as pulsões eróticas anais e sádicas, a organização pré-genital da vida sexual, as formações reativas e sintomáticas, a divisão das atividades psíquicas e a supermoral como aspectos fundamentais da neurose obsessiva. Ademais, destaca-se a conexão entre ódio e amor na dinâmica psíquica dos indivíduos obsessivos.

Em *Recordar, repetir e elaborar* [1914]/(2010), Freud aborda a neurose obsessiva sob a perspectiva do processo terapêutico. Nessa obra, o autor explora o fenômeno do esquecimento, que é uma característica marcante dessa condição. Na neurose obsessiva, o esquecimento se manifesta por meio da dissolução dos nexos e da falta de reconhecimento das sequências lógicas, resultando no isolamento das recordações. Freud destaca que, nesse contexto, o indivíduo não se limita apenas a recordar, mas age inconscientemente de acordo com o que foi esquecido, repetindo padrões de comportamento sem ter consciência disso.

A compulsão de repetição se torna uma tentativa de recordar, mesmo que de forma não consciente. É interessante observar que quanto maior for a resistência do sujeito, mais proeminente será a substituição do processo de recordação pela repetição de ações. Nesse sentido, a análise psicanalítica desempenha um papel

fundamental ao auxiliar o sujeito a identificar e elaborar conscientemente essa resistência.

Por meio do processo terapêutico, o sujeito é encorajado a reconhecer a presença da resistência e a explorar suas causas e motivações. A elaboração dessas resistências, por meio da fala e da reflexão, permite ao paciente uma compreensão mais profunda de seus conflitos internos e a possibilidade de superar os sintomas obsessivos. Dessa forma, a abordagem terapêutica proposta por Freud se revela uma ferramenta valiosa para o tratamento da neurose obsessiva.

4.2 “O HOMEM DOS LOBOS”

Outro estudo de caso que contribui substancialmente para a compreensão da neurose obsessiva encontra-se em *História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”]* [1918]/(2010). Nesse texto, dentre outros pontos, Freud atribui às neuroses infantis um valor essencial, pois delas viriam muitas sedimentações ulteriores, isto é: a neurose do adulto baseia-se sobre uma neurose infantil, embora esta nem todas as vezes seja tão intensa ao ponto de ser reconhecida clinicamente.

No caso trabalhado neste texto, referente ao atendimento de Sergei Pankejeff, observa-se uma impecável inteligência no paciente, a qual se contrastava com seu comportamento compulsivo e suas relações dominadas pelas forças pulsionais. Tentava, frequentemente, permanecer na comodidade de situações criadas. Seus sintomas, contraditórios em seu conteúdo, culminam em inclinações e ações de valores opostos. Isso porque, devido às distinções entre os dois sistemas psíquicos, as concepções não precisam ser harmônicas entre si — o que pode dar origem a incoerências. Ainda, o conteúdo religioso foi tema de sua obsessão. Nesse sentido, era um devoto cheio de cerimoniais e de, também, pensamentos sacrílegos, que lhe vinham à mente como uma inspiração do diabo.

Suas fantasias narcísicas eliminavam lembranças que ofendiam seu amor próprio masculino. Seu mecanismo era o de **trocar a verdade histórica pelo seu contrário desejável**. Outrossim, destaca-se o mecanismo de deslocamento na formação sintomática, que resulta em uma reação estranha: o afeto é encontrado (e

as reações emocionais e as falas denunciam isso) em eventos que racionalmente não têm importância — enquanto o mais relevante é dito sem a devida emoção.

Percebe-se, também, que a sua vida sexual regressou a um estágio anterior, de uma organização pré-genital particularmente sádica. Em outras palavras, o caráter sádico-anal se firmou em sua vida, o que transpareceu não só por meio do caráter investigativo típico desse estágio, mas também por meio de seu temperamento nervoso e atormentador. Por manifestações sadistas e masoquistas, ele satisfazia seu desejo sexual.

Isso condiz com a insolitamente clara, intensa e duradoura *ambivalência* do doente, que aqui se mostrou pela primeira vez no desenvolvimento uniforme dos pares de instintos parciais opostos. Esse comportamento permaneceu característico dele também depois, assim como um outro traço, o de que nenhuma das posições instituídas da libido foi totalmente cancelada por outra posterior. Ela continuava a existir ao lado de todas as demais, o que permitiu a ele uma oscilação constante, incompatível com a aquisição de um caráter fixo (FREUD, 2010, p. 38, grifo do autor).

Dessa forma, começam a operar elementos frequentes na neurose obsessiva, como o castigo, a consciência de culpa e a vergonha de si mesmo. Melhor dizendo, pelo castigo, o sujeito recebe a satisfação masoquista desejada; isso porque, dessa maneira, encontra-se a satisfação do sentimento inconsciente de culpa. A provocação de castigo, então, seria a expressão da procura por uma punição que visa o amortecimento da consciência de culpa e, concomitantemente, a satisfação da inclinação sexual masoquista.

Em um sonho cuja referência era o complexo de castração, encontravam-se, por trás, a pesquisa sexual e, simultaneamente, o medo da morte, que o angustia⁶. Como método de deformação, o paciente se utilizou da técnica da inversão de sentido, que consiste em transformar um conteúdo em seu oposto. Isso porque há um horror frente à realização do desejo, além do seu conseqüente recalque — cuja força motriz foi o narcisismo ameaçado, envolvendo a libido genital narcísica, devido à ameaça da castração. Podem-se notar duas tendências sexuais conflitantes: enquanto uma atua conforme o Eu, a outra fere o interesse narcísico e, por isso, acaba por submeter-se ao recalque. O conflito sempre se dá entre o Eu e as

⁶ Freud evidencia que a angústia é sempre expressão de um conteúdo significativo.

tendências (...entre o Eu e os objetos sexuais) sexuais (libido)⁷. Apesar de possuir tendências sexuais, o único interesse do Eu é a sua própria autopreservação, além da conservação do seu narcisismo.

As cenas de primeira infância são oferecidas pela análise exaustiva das neuroses; não precisam ser acontecimentos da vida real⁸, mas podem ser, como neste caso, originada de formações fantasísticas estimuladas por tempos posteriores, “destinadas a uma certa representação simbólica de desejos e interesses reais, e que devem sua origem a uma tendência regressiva, a um afastamento das tarefas do presente” (FREUD, 2010, p. 68). O neurótico agiria por afastar seu interesse do presente e associá-lo a tais formações regressivas fantasísticas. Cabe ao analista a investigação das tarefas reais que o sujeito tenta se afastar, além dos elos entre elas e suas fantasias regressivas. Notam-se aqui, pois, o interesse afastado da vida real — na medida em que a libido se afasta dos conflitos reais —, as fantasias como formações substitutas de ações não realizadas e a tendência duplamente⁹ regressiva manifesta nessas criações. Ainda mais: seria a influência da infância a responsável por estipular se e em qual ponto o sujeito fracassa frente às situações reais da vida.

O papel da dúvida aparece com destaque, pois é pelas dúvidas e rumações que se pode deixar perceber a contribuição de impulsos secretos. A dúvida é um recurso extremamente importante para o neurótico, visto que sua resistência atua poderosamente através dela.

Sabe-se que importância tem a dúvida, para um médico que analisa uma neurose obsessiva. É a arma mais poderosa do doente, o meio predileto de sua resistência. Essa mesma dúvida permitiu também a nosso paciente, entrincheirado numa indiferença respeitosa, fazer que durante anos resvassem por ele os esforços da terapia (FREUD, 2010, p. 101).

Sendo assim, deve-se refletir a respeito do que exatamente o sujeito se protege através da dúvida. Por um lado, os pensamentos obsessivos são

⁷ “[...] todos os impulsos narcísicos atuam a partir do Eu e permanecem no Eu, e as repressões são dirigidas contra investimentos de objeto libidinais” (FREUD, 2010, p. 147).

⁸ “Tais recordações, antes inconscientes, não precisam sequer ser verdadeiras; podem sê-lo, mas com frequência são distorcidas em relação à verdade, impregnadas de elementos de fantasia, exatamente como as chamadas lembranças encobridoras conservadas de modo espontâneo” (FREUD, 2010, p. 70). Assim, não são necessariamente fantasias; contudo, de todo modo, equivalem a lembranças, pois, ao retornarem em sonhos, evidenciam uma enorme convicção de realidade.

⁹ A dupla regressão se daria no sentido do recuo frente à vida e do recurso ao passado.

compreendidos como verdadeiros produtos de compromisso, dos quais fazem parte uma corrente terna e outra hostil. Por outro lado, os exageros obsessivos são expressões de uma forte luta defensiva contra as formações de compromisso. Evidencia-se que a fixação diz respeito à defesa da posição da libido uma vez ocupada, com receio de perdê-la e de substituí-la em caso de abandono¹⁰.

Pôde-se observar, também, no paciente, uma reação negativa passageira após cada solução decisiva. Quer dizer, como uma criança diante de uma proibição, desafiava-a, buscando negar a decisão momentaneamente, de modo a agravar o sintoma resolvido.

Retomando o tema da constituição sádico-anal, entende-se que a relação com o dinheiro é uma expressão importante do erotismo oriundo dessa fonte, transformado e tomando para si o interesse psíquico que antes era dirigido ao excremento. Tal aspecto se refletia, no paciente, na falta de autonomia e na incapacidade para a vida. Freud ressalta que, para compreender a neurose obsessiva, há de se fazer referência à sexualidade e a um estágio de organização pré-genital, prestando atenção aos seus sinais e ao nexos dos fenômenos.

Por fim, em resumo, Freud (2010, p. 157) enumera alguns elementos constitutivos deste caso de neurose obsessiva:

[...]a tenacidade da fixação, já discutida, o extraordinário crescimento do pendor à ambivalência e, como terceiro traço de uma constituição que chamaria de arcaica, a capacidade de manter, um ao lado do outro e em condições de funcionamento, os mais diversos e contraditórios investimentos libidinais.

4.3 ESCRITOS DE 1924

Já em 1924, Freud publica três textos que nos são relevantes para a presente discussão: *Neurose e psicose*; *O problema econômico do masoquismo*; e *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Em todos esses, o pai da psicanálise retoma a sua nova proposta de divisão do aparelho psíquico, que apareceu em *O Eu e o Id*

¹⁰ "Ele defendia cada posição da libido uma vez ocupada, com medo de perdê-la se a abandonasse, e desconfiando da possibilidade de uma completa substituição por uma nova (FREUD, 2010, p. 152-153)".

(1923) — proposta conhecida como a *segunda tópica freudiana*. Com ela, segundo Laplanche e Pontalis (2016), há uma reformulação na teoria psicanalítica, que ocorreu não só por conta de uma maior consideração das defesas inconscientes, como também pela função exercida pelas inúmeras identificações na constituição do sujeito. Participariam disso três instâncias:

o *id*, pólo pulsional da personalidade, o *ego*, instância que se situa como representante dos interesses da totalidade da pessoa e que como tal é investido de libido narcísica, e, por fim, o *superego*, instância que julga e critica, constituída por interiorização das exigências e das interdições parentais (LAPLANCHE & PONTALIS, 2016, p. 508).

Em *Neurose e psicose* [1924]/(2011), Freud retorna o olhar à variedade de laços de dependência do Eu, à sua posição de ponte entre o Id e o mundo externo e o seu esforço de atender, concomitantemente, a demanda de todos seus senhores. Entende que a frustração estaria na origem da irrupção tanto de uma psiconeurose quanto de uma psicose, isto é, um insucesso da função do Eu quanto à conciliação das diversas reivindicações que pairam sobre ele. Todavia, o que distinguiria a neurose da psicose é que esta seria resultado de uma perturbação nos laços do Eu com o mundo externo — sobrepujando-se pelo Id e separando-se da realidade —, enquanto aquela seria fruto de um conflito entre o Eu e o Id — sendo fiel ao mundo externo, tenta conter o Id. Em mais detalhes, a neurose de transferência surgiria

pelo fato de o Eu não querer aceitar e promover a efetivação motora de um impulso instintual poderoso no Id, ou de contestar o objeto que a ele visa. O Eu, então, defende-se dele através do mecanismo da repressão; o que é reprimido se revolta contra esse destino, criando, por vias sobre as quais o Eu não tem poder, um substituto que o representa, que se impõe ao Eu pela via do compromisso, o sintoma; o Eu vê ameaçada e prejudicada por esse intruso a sua unidade, dá prosseguimento à luta contra o sintoma, tal como se defendia originalmente do impulso instintual, e tudo isso resulta no quadro da neurose (FREUD, 2011, p. 178).

Assim sendo, a partir da segunda tópica, Freud complexifica a explicação do processo de recalque, que, anteriormente, havia sido longamente debatido em 1915 pelo texto *A repressão*. Nesse processo de retirada do investimento lançado pelo Eu,

ele estaria obedecendo ao Supereu¹¹, cujas ordens seriam influências do mundo exterior que acharam representação nesta instância. O Eu seria aquele que opera o recalque dessa seção do Id e é responsável pelo fortalecimento do recalque pelo contrainvestimento da resistência.

Quanto ao desfecho da tentativa do Eu de obedecer aos seus senhores, Freud diz que “dependerá, não há dúvida, da constelação econômica, das grandezas relativas das tendências em luta. E para o Eu será possível evitar a ruptura em qualquer direção, ao deformar a si mesmo, permitindo danos à sua unidade” (FREUD, 2011, p. 182).

Já em *O problema econômico do masoquismo* [1924]/(2011), o que nos interessa é a exposição acerca do sentimento de culpa inconsciente. Sua satisfação agiria como uma vantagem da doença:

A satisfação desse sentimento de culpa inconsciente é talvez o mais poderoso bastião da “vantagem da doença” (vantagem normalmente composta), da soma das forças que lutam contra o restabelecimento e não querem renunciar ao estado doentio; o sofrimento que acompanha a neurose é justamente o fator que a torna valiosa para a tendência masoquista (FREUD, 2011, p. 195).

Por outro lado, a consciência de culpa seria uma manifestação da tensão entre Eu e Supereu — este que possui a função de consciência moral. Quando o Eu percebe que não correspondeu às exigências de seu ideal (o Supereu), ele reage por meio de sentimentos de angústia — o que se denomina angústia da consciência (moral).

Nesse texto, ratifica-se que a conciliação das demandas das três instâncias é função do Eu e que este tem por modelo o Supereu, operando como ideal. Esta instância representa não só o mundo externo, como foi dito, mas também o Id. A sua origem remonta à época dos primeiros objetos libidinais do Id, os quais, introjetados pelo Eu, foram dessexualizados; assim se dá a superação do complexo de Édipo. Os traços do Supereu — “seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir” (FREUD, 2011, p. 196) — vêm, pois, desses primeiros objetos de amor agora subtraídos de seu potencial erótico. Nesse sentido, as influências coercitivas da

¹¹ O Supereu seria uma espécie de modelo ideal do Eu e reuniria influências tanto do Id quanto do mundo externo (FREUD, 2011).

história e da tradição estão por trás do poder do Supereu: a moralidade individual tem origem no complexo de Édipo¹². Ainda, devido à desagregação de pulsões com a introdução no Eu, o Supereu consegue ser ainda mais duro e cruel com o Eu, que o guarda.

Com essa elucidação, Freud compreende o sentimento de culpa inconsciente como uma exigência de punição nas mãos de um poder parental. Inclusive, assemelha o desejo de ser surrado pelo pai ao de estabelecer uma relação sexual passiva com ele — aquele seria uma forma regressiva deste. Em melhor elaboração, a relação entre masoquismo e consciência moral existe da seguinte maneira:

Consciência e moralidade surgiram com a superação, a dessexualização do complexo de Édipo; com o masoquismo moral, a moralidade é novamente sexualizada, o complexo de Édipo é revitalizado, abre-se o caminho para regredir da moralidade ao complexo de Édipo (FREUD, 2011, p. 200).

Ainda quanto ao masoquismo, entende-se que ele é responsável pela geração de tentação de atos considerados pecadores, os quais podem ser expiados pela consciência sádica. A relação entre sadismo e masoquismo quanto às instâncias psíquicas pode ser compreendida, então, por meio do acolhimento do Supereu da destrutividade que volta do mundo externo — o que, ao ocorrer sem transformação, elevaria o sadismo do Supereu frente ao Eu. Assim, há uma complementação entre o sadismo do Supereu e o masoquismo do Eu, os quais juntos causam as mesmas consequências. Desse modo, o sentimento de culpa seria efeito do recalque, e a consciência seria mais dura quanto mais se priva da agressão aos outros. A primeira renúncia pulsional é motivada por poderes externos, o que origina a moralidade — que se manifesta na consciência de modo a requisitar uma nova renúncia pulsional.

No final, Freud esclarece o masoquismo moral por meio da pulsão de morte, mas evidenciando que, ao mesmo tempo, procura a satisfação libidinal:

Seu caráter perigoso se deve ao fato de proceder do instinto de morte, correspondendo à parte deste que escapou de ser voltada para fora como instinto de destruição. Por outro lado, tendo ele a significação de um

¹² Dessa forma, “o Super-eu, o substituto do complexo de Édipo, torna-se também representante do mundo externo real e, assim, modelo para os esforços do Eu” (FREUD, 2011, p. 197).

componente erótico, também a autodestruição do indivíduo não pode ocorrer sem satisfação libidinal (FREUD, 2011, p. 202).

A perda da realidade na neurose e na psicose [1924]/(2011) é um texto no qual o fundador da psicanálise retifica aspectos apresentados anteriormente em *Neurose e psicose*. Agora, Freud afirma que a neurose sempre aflige, de alguma maneira, a relação entre o sujeito e a realidade, pois é um jeito de se retirar dela, podendo até configurar-se como uma fuga da vida real; seu fator ocasionador seria a *cena traumática*¹³. Apesar de o começo da neurose ser caracterizado pelo recalque, ele não é a neurose em si mesma. Esta corresponde aos processos compensatórios em relação à seção do Id prejudicada — à reação ao recalque e ao seu fracasso. O afrouxamento da relação com a realidade seria decorrência dessa falta de êxito.

No primeiro estágio da neurose, o Eu é retirado da realidade. No segundo, haveria uma tentativa de reparação do dano e de restabelecimento da relação com a realidade através do esforço do Eu.

Entende-se agora que tanto a neurose quanto a psicose são manifestações rebeldes do Id em oposição ao mundo exterior. É uma expressão do seu desprazer ou, ainda, da sua falta de habilidade de adequar-se à exigência da realidade. Na neurose, há uma evitação da realidade pela fuga — enquanto que, na psicose, há uma remodelação. A tentativa de fuga, no entanto, só se dá após uma obediência inicial, o que confirma que, na neurose, a realidade não é negada: apenas não se quer saber dela¹⁴. O produto final de seu conflito é uma espécie de compromisso com falhas no que se refere à satisfação, e há uma reação de angústia sempre que a pulsão recalcada faz um avanço.

Em síntese, em comparação com *Neurose e psicose*, a diferença seria de que agora Freud reconhece que, na neurose, também há uma tentativa de substituição da realidade malquerida por outra mais condizente com os desejos. Com a entrada do princípio da realidade, surge um mundo fantasístico, isolado do mundo externo e livre das demandas da vida. É desse mundo que os elementos úteis à construção de desejo são extraídos, geralmente encontrados em regressão a um momento anterior

¹³ Freud utiliza esse termo que pusemos em destaque entre aspas.

¹⁴ “Por via de regra, a neurose se contenta em evitar a porção da realidade em questão e proteger-se do encontro com ela” (FREUD, 2011, p. 220).

mais satisfatório. Cabe dizer, finalmente, que esse mundo da fantasia do neurótico apoia-se sobre uma parte da realidade diferente da qual procurara defender-se.

4.4 INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA

Fundamental dentro do percurso freudiano da compreensão da neurose obsessiva é a obra *Inibição, sintoma e angústia* [1926]/(2014). Nela, vemos que a inibição é uma limitação de alguma função do Eu¹⁵, seja por precaução ou por empobrecimento de energia. Ela pode atuar como uma estratégia de defesa do Eu para evitar o surgimento da angústia, já que, em certas situações, a realização das funções pode ter como decorrência a produção de tal afeto. Assim, se o Eu não as renunciasse, teria de efetuar um novo recalque, o que desenharia um novo conflito face ao Id. Por outro lado, o conflito a ser evitado pode ser contra o Supereu, por meio da autopunição, quando, por exemplo, evitam-se realizações que trariam vantagens e êxitos ao indivíduo.

Entre os procedimentos disponíveis para perturbar a função, conhecemos seis: 1. o distanciamento da libido, que pode culminar em uma inibição pura; 2. o agravamento da execução da função; 3. a dificuldade dela devido a certas condições, além da alteração pelo desvio para outras metas; 4. sua prevenção por meio de medidas de proteção; 5. quando seu início não pode ser mais interrompido, sua suspensão, intermediada pelo desenvolvimento da angústia; e 6. se a ação for concretizada, uma reação posterior que visa desfazê-la.

Como exemplos relevantes a esta pesquisa e referentes à neurose obsessiva, há os atos obsessivos que atuam como medidas de precaução e garantia contra a realização do ato sexual (função sexual). Outros referem-se à perturbação do trabalho mediante o afastamento constante do sujeito e o desperdício de tempo com atrasos e repetições.

Enquanto a inibição não possui necessariamente teor patológico, o sintoma tem e, sendo substituto da satisfação pulsional não ocorrida, é fruto do recalque. Diante da solicitação do Supereu, o recalque é operado pelo Eu, que não

¹⁵ Como exemplos de funções do Eu, Freud (2014) cita a função sexual, a locomoção, a alimentação e o trabalho.

intenta contribuir quanto a um investimento pulsional incitado no Id. Com isso, o conteúdo ideativo repulsivo é mantido fora da consciência, conservado como formação inconsciente. O prazer que seria esperado da satisfação torna-se desprazer por meio da inibição ou desvio do desenvolvimento excitatório no Id por parte do Eu — o que exemplifica a influência deste frente àquele.

Nós tendemos a imaginar o Eu como impotente contra o Id, mas, quando ele se opõe a um processo instintual no Id, precisa apenas dar um *signal de desprazer* para realizar sua intenção, com a ajuda da quase todo-poderosa instância do princípio do prazer (FREUD, 2014, p. 21, grifo do autor).

O recalque atuaria, pois, como uma tentativa, do Eu, de fuga frente a um perigo: retirando o investimento pré-consciente do representante da pulsão que será recalçada, o Eu o utiliza para liberar o desprazer.

Pode-se dizer então, de maneira geral, que o impulso instintual, apesar da repressão, encontrou um substituto, mas um bastante atrofiado, deslocado, inibido, e que já não é reconhecível como uma satisfação. Quando [esse impulso substituto] é concretizado não há sensação de prazer; em vez disso, tal concretização assume o caráter de coerção (FREUD, 2014, p. 25).

Isso pode ocorrer em dois contextos distintos, o primeiro no qual um impulso pulsional desagradável é ativado por uma percepção oriunda do mundo exterior, enquanto que, no segundo, o impulso surge simplesmente no interior. A angústia, sediada pelo Eu, é, então, reproduzida enquanto estado afetivo por meio da evocação de uma imagem mnemônica já conhecida.

Caracterizando a angústia, ressaltam-se a relação dela com a expectativa — uma vez que ela sempre se dá *diante de* algo —, seu caráter de indeterminação e ausência de objeto¹⁶ e sua relação com o perigo e com a neurose. Nesse sentido, a angústia neurótica se refere a um perigo pulsional que é desconhecido pelo sujeito. Frente a esse perigo, assim como a um perigo real, há tanto a emergência da angústia quanto de ações protetoras. Ela pode surgir seja automaticamente quando houver uma situação de perigo, como a do nascimento, seja quando há somente a ameaça desse tipo de situação, a qual deve ser evitada. O perigo aparentemente pode até ser conhecido, mas a neurose se expressa pela desproporcionalidade da angústia frente a ele — o que sugere um perigo pulsional desconhecido ligado por

¹⁶ Se tem o objeto, é *temor*.

trás. Por outro lado, o motivo de uma exigência pulsional se tornar um perigo interno pode ser porque, caso houvesse satisfação, um perigo externo tornar-se-ia presente. Como situação de *perigo*, entendem-se os momentos nos quais nossa força é menor frente a ele, o que nos confere um caráter de desamparo. Tais episódios de desamparo vividos são denominados *traumáticos*. As situações de perigo sinalizam a possibilidade de um episódio de desamparo, como um sinal para a angústia de maneira a preparar o sujeito para a situação traumática. Antecipando o trauma, age-se como se ele já estivesse ali, tendo tempo de distanciá-lo; assim, “a angústia é, de um lado, expectativa do trauma, e, de outro lado, repetição atenuada do mesmo” (FREUD, 2014, p. 116). Quer dizer, a fim de dominar psiquicamente tais impressões, o Eu repete ativa e atenuadamente o trauma passivamente vivido.

Nesse segundo caso, o Eu se submetia à angústia como se esta fosse uma vacina, aceitando a forma atenuada de uma doença para escapar ao seu ataque pleno. É como se ele imaginasse vivamente a situação de perigo, com o inconfundível propósito de limitar a vivência penosa uma indicação, um sinal (FREUD, 2014, p. 110).

Quanto ao seu caráter de indeterminação e ausência de objeto, ratifica-se a condição de perda da percepção do objeto, a qual acaba por se igualar à perda do objeto e, por fim, com a perda do amor do objeto — perigo extremamente angustiante.

Além disso, conforme a sua natureza, o Eu age de modo a buscar ligação e união. Por isso, aspira anular tanto a estranheza quanto o isolamento do sintoma, visando integrá-lo à sua organização. Na neurose obsessiva, há uma satisfação narcísica por meio do sintoma, a qual não ocorreria se não fosse por este. Nesse sentido, o obsessivo constrói sistemas que engrandecem seu amor próprio: com a fantasia de que são mais limpos ou escrupulosos, são melhores que os outros. Visando tal benefício secundário da doença, esta auxilia o Eu na incorporação do sintoma e intensifica a fixação dele.

Mas parece que não podemos acusar o Eu de incoerência. Ele é pacífico e gostaria de incorporar o sintoma, de acolhê-lo dentro de seu conjunto. O transtorno parte do sintoma, que, como verdadeiro substituto e derivado do impulso reprimido, continua a desempenhar o papel deste, renova constantemente sua exigência de satisfação, assim obrigando o Eu a

novamente emitir o sinal de desprazer e se dispor para a defesa (FREUD, 2014, p. 31).

Devido à natureza da pulsão, o recalque exige esforço ininterrupto de defesa do Eu — o que se entende pelo nome de *resistência*. Nessa lógica, destaca-se o contrainvestimento na neurose obsessiva, o qual se dá como uma formação reativa no Eu, reforçando comportamentos contrários à direção pulsional a ser recalçada. Ainda nesses casos, evidencia-se um caráter de generalização, juntamente do relaxamento das relações de objeto e do estímulo à mobilidade na escolha objetal.

Na verdade, Freud menciona cinco espécies de resistência em análise. O Eu é fonte de três delas: a saber, a resistência do recalque, como esse esforço constante de defesa; a da transferência, que ao desenvolver uma conexão com o analista ou com o enquadre de análise, revive um recalque; e a do benefício da doença, que age de modo a integrar o sintoma ao Eu, como mencionado anteriormente. Por sua vez, a resistência do Id é responsável pela compulsão à repetição, enquanto a do Supereu tem origem na consciência de culpa ou urgência de castigo.

Por fim, na neurose obsessiva, compreende-se que os acontecimentos patogênicos são isolados, de maneira que passam a não serem passíveis de esquecimento. Ainda, há uma regressão, no mesmo sentido do recalque, dos impulsos pulsionais à fase libidinal predecessora, além da típica *anulação do acontecido* — mecanismo obsessivo que beira ao teor mágico.

5. ANÁLISE

5.1 O PERCURSO TEÓRICO-PSICANALÍTICO DA NEUROSE OBSESSIVA

A compreensão de Freud acerca da neurose obsessiva passa por uma evolução ao longo do tempo, à medida que ele adquire mais experiência clínica. Desde seus primeiros escritos, Freud destaca a importância do conflito psíquico na etiologia dessa neurose, mas sua compreensão se torna mais sofisticada com o aumento do número de atendimentos e análises clínicas. Inicialmente, ele considerava que **a neurose obsessiva envolvia estados emocionais como dúvida, angústia, remorso e raiva, porém, posteriormente, ele percebeu que a angústia era o elemento central, enquanto os outros estados emocionais eram resultantes de outros processos dentro dessa estrutura clínica complexa.** *A raiva, por exemplo, seria causada por uma perturbação na realização dos atos obsessivos, o remorso estaria relacionado à culpa, que busca evitar a tentação, e a dúvida estaria ligada à falha lógica da neurose obsessiva e atuaria para preservar a vantagem da doença.* Além disso, Freud identificou que **a neurose obsessiva era facilitada pela constante emergência de fantasias inconscientes, perturbando a elaboração das ideias, e era mantida por meio de artifícios como omissões, premissas falsas, falhas de memória, deslocamentos e erros associativos.** Quanto especificamente à sua origem inconsciente, entende-se que ela seria expressão de uma incerteza do amor graças à tentativa de inibição dele pelo ódio inconsciente. Assim, até mesmo a dúvida se encontra no terreno da ambivalência afetiva.

A dúvida da obsessão de compreender é dúvida quanto ao seu amor. Em nosso apaixonado há uma luta entre o amor e o ódio que dizem respeito à mesma pessoa, e essa luta é representada plasticamente no ato obsessivo, também simbolicamente significativo, de tirar a pedra do caminho que ela irá percorrer e depois desfazer esse ato de amor, colocando a pedra novamente onde estava, para que o seu veículo nela esbarre e ela se machuque. Não compreendemos corretamente esta segunda parte do ato obsessivo se a vemos tão só como rejeição crítica da ação doentia, tal como ela deseja apresentar-se. O fato de que também ocorre numa sensação de compulsão mostra que ela mesma é parte

da ação doentia, determinada pelo oposto do motivo da primeira parte (FREUD, 2013, p. 52).

Quanto aos sintomas da neurose obsessiva, fala-se, em 1895, que os **atos e impulsos** obsessivos são medidas protetoras ou de alívio. Em 1907, entra a noção de **cerimoniais** — caracterizados pela repetição meticulosa recheada de acréscimos e restrições, que dificultam e atrasam outras atividades e que são aparentemente irrelevantes, apesar de desencadearem angústia se não realizadas —, os quais dão origem aos **atos** obsessivos. Tanto os **atos** quanto os **cerimoniais** atuariam como uma defesa contra a tentação e como proteção contra a desgraça aguardada. Quando não são suficientes para dar conta da situação, as **proibições** os substituem, afastando o evento que gera a tentação. Em 1909, a ambivalência ganha destaque na etiologia da neurose obsessiva e é responsável pelos pensamentos contraditórios, de “sim” e de “não”, que se anulam seguidamente. O sofrimento obsessivo ocorreria devido a tais pensamentos intrusivos, que são acompanhados de afetos dolorosos. O sujeito gasta demasiada energia na esfera do pensamento, adiando a ação e envolvendo-se em tramas complexas; quer dizer, por conta do conflito entre amor e ódio, emerge uma paralisia parcial da vontade. Assim, neste momento, os pensamentos obsessivos adquirem maior visibilidade na teoria freudiana, como a proeminência da onipotência dos pensamentos, correspondente ao poderoso ódio recalçado. Ademais, os pensamentos obsessivos que dão origem às ações obsessivas de dois tempos, que se negam e que recebem uma explicação lógica normalmente falha. Mas, com a manutenção da dúvida por artifícios lógicos, o sujeito se afasta da realidade e seu castigo se mantém, conferindo-lhe prazer. Em suma, o desejo seria acompanhado de um afeto doloroso, o que geraria o medo de que algo terrível aconteça; isto, por sua vez, resulta em impulsos contrários que visam afastar tal afeto e evitar o desastre (medida protetora), os quais atuam, na verdade, como sanções contra a concretização da fantasia.

Com a onipotência dos pensamentos, o pensar é encarado como um ato. Com isso em mente, em 1912-1913, afirma-se que as **proibições** se relacionam à ideia de contato direto e se destinam até mesmo aos pensamentos (para a *coisa proibida*, pois esta seria dotada de uma característica de contágio e transmissibilidade alta — o que configura um contato perigoso). Por outro lado, como elas restringem bastante a vida do doente, os **atos** obsessivos surgem para cancelar

uma parte delas. Assim, se, em 1907, as proibições vinham com a tarefa de dar conta do que os atos e os cerimoniais não deram, agora os **atos** surgem para reparar os efeitos das **proibições**, isto é, os atos e os cerimoniais advêm das proibições.

Já em 1918, ressalta-se a característica de contraditoriedade dos sintomas obsessivos: devido à diferença dos sistemas psíquicos, não harmônicos entre si, as formações obsessivas recebem essa qualidade de incoerência. Além disso, o caráter investigativo é salientado, em consonância com o destaque que o impulso de conhecimento recebeu em 1913, quando foi entendido como manifestação sublimada da pulsão de apoderamento. Dessa forma, em 1918, a inteligência do obsessivo é ressaltada, apesar das suas compulsões e erros de lógica. Por outro lado, o sadismo e o masoquismo passam a ser elementos importantes para a compreensão da neurose obsessiva. Por exemplo, com ações masoquistas, pelo **castigo**, o obsessivo satisfaz seu pensamento inconsciente de culpa. Pela provocação do castigo, pune-se, amortecendo a consciência de culpa e a inclinação masoquista. Mais uma vez, frisa-se a dúvida enquanto expressão de impulsos secretos, além de ser um meio poderoso de atuação da resistência. Também, os **pensamentos** obsessivos são compreendidos como formações de compromisso que correspondem às correntes conflitantes da ambivalência.

Em 1924, a segunda tópica já estava postulada, o que complexifica alguns entendimentos. Entre eles, podemos falar da satisfação de culpa inconsciente, bastião da vantagem da doença. Ratifica-se a importância do sofrimento para a satisfação masoquista, por meio da afirmação de que o sentimento de culpa inconsciente é uma exigência de **punição** oriunda do poder parental. Isso porque o Eu, ao não corresponder às exigências do Supereu¹⁷, gera a **angústia** da consciência moral. Em mais detalhes, no contexto do masoquismo, a tentação surge devido à atração ou atração paradoxal que a pessoa sente em relação a atos considerados pecaminosos ou proibidos. Essa tentação pode ser entendida como uma expressão do masoquismo — proveniente da pulsão de morte —, no sentido de buscar experiências que envolvam dor, sofrimento ou submissão, como forma de encontrar prazer ou satisfação. Portanto, o masoquismo gera a tentação de se envolver em atos que despertam esses sentimentos, mesmo que conscientemente a

¹⁷ Lembramos que a frustração é a base de toda psicose.

pessoa saiba que eles são considerados errados ou pecaminosos. Quanto à punição, é importante destacar que a dinâmica do masoquismo envolve tanto o prazer derivado da submissão ou do sofrimento quanto o prazer derivado do controle ou domínio sobre si mesmo. No contexto da consciência sádica, a pessoa pode sentir prazer ao se punir, seja física ou emocionalmente, como uma forma de autorregulação e autossatisfação. Nesse sentido, a pessoa pode se tornar sádica em relação a si mesma, buscando se punir ou se submeter a situações dolorosas ou humilhantes como uma expressão do seu masoquismo. Ainda em 1924, tem-se que a neurose se configura como uma fuga¹⁸ da realidade para o universo da fantasia — a qual se baseia em uma parte seletiva da realidade.

Por fim, em 1926, o conceito de **angústia** é laboriosamente explorado. Afirma-se que a inibição pode ser compreendida como uma estratégia do Eu que visa evitar o surgimento da angústia, já que esta poderia originar-se da realização das funções do Eu. Nesse mesmo contexto, os **atos** obsessivos podem surgir como medidas de precaução contra a realização das funções. Retomando o conceito de angústia, cuja sede é o Eu, sabe-se que se trata de um estado afetivo reproduzido por meio da invocação de uma imagem mnemônica e que a angústia neurótica diz respeito a um perigo pulsional desconhecido. Ela é, na neurose obsessiva, ao mesmo tempo, a expectativa do trauma e uma repetição atenuada do mesmo. O Eu, como estratégia para dominar psicologicamente essas impressões, repete ativamente e de forma atenuada o trauma que foi vivido passivamente. Por outro lado, também está associada à perda da percepção do objeto, que se equipara à perda do próprio objeto e, conseqüentemente, à perda do amor por ele. Ainda, os sintomas da neurose obsessiva carregam o caráter de generalização graças à sua suscetibilidade ao deslocamento. Há, também, a *anulação do acontecido*, mecanismo pelo qual o sujeito busca anular ou negar um evento indesejado ou traumático, como se ele não tivesse ocorrido. Por meio de um caráter quase mágico, visa eliminar as conseqüências do evento ou evitar sua repetição. É uma forma de lidar com o passado e manter uma ilusão de controle, embora essa anulação seja apenas aparente e não elimine os efeitos do acontecimento na realidade psíquica do indivíduo.

¹⁸ Ocasionada pela cena traumática.

Em síntese, a partir da leitura desses textos, pode-se compreender melhor a formação dos pensamentos e dos atos obsessivos, assim como as sanções que o sujeito se impõe, de modo a chegar mais perto do seu sentido no psiquismo e na vida cotidiana do sujeito.

5.2 A NEUROSE OBSESSIVA À LUZ DA TEORIA SEMIÓTICA

5.2.1 Até os anos 20

A neurose obsessiva revela um conflito intrincado que se desenrola no âmbito das emoções e das representações simbólicas. Nesse contexto, uma abordagem que se destaca por sua capacidade de explorar a estrutura narrativa dos fenômenos psíquicos é a semiótica greimasiana. Por meio do percurso gerativo do sentido proposto por Algirdas Julien Greimas, é possível realizar uma análise profunda dos diferentes níveis que compõem a neurose obsessiva, destacando-se, aqui, o nível narrativo.

No cerne da neurose obsessiva, encontra-se um embate entre amor e ódio, expresso nas manifestações obsessivas do sujeito. Essas manifestações são compreendidas como a resultante desse conflito fundamental. Através da lente da semiótica greimasiana, é possível propor a oposição semântica amor versus ódio como o elemento central no percurso gerativo do sentido das produções obsessivas. A ambivalência afetiva é, portanto, o ponto de partida para a compreensão desse fenômeno.

Em um primeiro momento, é necessário qualificar a relação do sujeito com os conteúdos representados, considerando-se os aspectos de euforia ou disforia presentes. Essa relação, devido à ambivalência afetiva, é ambígua. Os elementos "sim" e "não" representam pólos opostos dessa esfera emocional. Para a psicanálise, o sujeito obsessivo é caracterizado pela divisão interna, pela cisão psíquica. Os conteúdos recalçados no inconsciente, como desejos infantis, estão em contraste com a identidade¹⁹ consciente, que possui seus próprios valores, muitas vezes em conflito com os desejos infantis. Desse modo, é como se houvesse

¹⁹ A ideia que o sujeito tem de si, seus valores, ideais e o que pretende buscar conscientemente.

múltiplos sujeitos coexistindo dentro do indivíduo obsessivo, cada um com seus próprios valores e representações simbólicas. Assim, o obsessivo se torna simultaneamente o herói e o anti-herói de sua própria narrativa.

O sujeito representa a consciência, a parte racional e controladora, enquanto o anti-sujeito representa os impulsos, desejos e instintos que estão fora do controle consciente. Na neurose obsessiva, o sujeito e o anti-sujeito estão em constante conflito, o que leva a comportamentos compulsivos e é representado pela ambivalência.

A conscienciosidade do sujeito obsessivo revela sua percepção de que precisa superar-se e vencer em termos narrativos. No entanto, ao mesmo tempo, ele se opõe a essa superação, impedindo sua própria ação. Dessa forma, ele não consegue romper a cadeia de repetição que caracteriza a sua condição, o que seria considerado uma vitória. Isso ocorre porque o indivíduo obsessivo exerce simultaneamente os papéis de manipulador, agente da ação e aquele que sanciona suas próprias ações.

Na estrutura da neurose obsessiva, a cisão psíquica dá origem a sujeitos distintos que coexistem dentro do mesmo ser. Cada um desses sujeitos possui seus próprios valores e desejos, muitas vezes contraditórios entre si. É importante, então, analisar essas diferenças em termos narrativos. Ao observar um indivíduo obsessivo, o foco de atenção recai sobre o sujeito da ação, aquele que é atormentado por pensamentos intrusivos e que adia constantemente a realização de seus desejos por meio de atos cerimoniais e ruminações mentais. Nesse embate interno, a capacidade decisória é afetada, pois o sujeito, mesmo tendo consciência do caminho a seguir, não consegue efetivar sua ação. Ele é dotado de qualidades que possibilitam a realização, mas é manipulado a acreditar que não possui essas capacidades, resultando em um ciclo de não-realização e culminando em sentimentos de incapacidade e frustração. O sujeito da ação, imerso nesse conflito, acaba sendo incapaz de agir mesmo sendo competente para realizar a performance desejada.

Essa dificuldade em romper a cadeia de repetição ocorre devido à intensa manipulação de forças contraditórias presentes na psique do obsessivo. O conflito entre o infantil, representado pelos desejos recalçados no inconsciente, e a

consciência se manifesta na forma de destinação de valores e sanções. Cada uma dessas forças busca fazer o sujeito-destinatário acreditar em seus próprios valores e o (des)capacitar para a (não)ação. No entanto, o poder do infantil, por se tratar de conteúdos recalçados, é mais intenso e exerce uma influência maior sobre o sujeito, ao contrário dos conteúdos já conscientes, que podem ser elaborados e refletidos racionalmente. Para que o sujeito-destinatário aceite os discursos oferecidos pelos destinadores, várias formas de manipulação podem ser empregadas. A intimidação, por exemplo, é uma estratégia na qual surgem pensamentos intrusivos que ameaçam ferir entes queridos caso determinada ação seja realizada ou não realizada. Embora o sujeito tenha consciência de que esses eventos não ocorreriam na prática, essa intimidação se valida como verdadeira, exercendo um forte impacto emocional. Outra forma de manipulação é a tentação, na qual são oferecidos valores positivos associados a uma ação alternativa que posterga ou evita a ação originalmente desejada. A sedução também desempenha um papel importante, através das vozes internalizadas dos cuidadores parentais e dos processos identificatórios. Essas vozes reforçam os valores estabelecidos na infância e manipulam o sujeito-destinatário para que ele continue a agir de acordo com esses valores, visando à sua completude e integração com o outro. Podemos, também, observar a presença desses percursos (intimidação, sedução, provocação e tentação) na forma de pensamentos intrusivos, impulsos irracionais ou imagens perturbadoras que tentam influenciar o sujeito a realizar determinados comportamentos.

No contexto da neurose obsessiva, é perceptível que o sujeito nunca alcança a sanção positiva ao não romper a cadeia de repetição, resultando em um sentimento de culpa que frequentemente leva à autopunição. Por outro lado, ao não concretizar uma determinada ação que representaria a não realização de outro contrato estabelecido, o sujeito obtém uma sanção positiva expressa em prazer. Isso ocorre porque todo compromisso estabelecido proporciona algum tipo de satisfação. Assim, a repetição é moldada pelo prazer e, a cada recomeço, surge uma nova oportunidade de obter prazer ou evitar a dor. O sujeito-destinatário, preso nessa dinâmica, acaba por perpetuar a neurose obsessiva ao adiar suas ações, buscando incessantemente um momento ideal para agir, mas nunca o alcançando.

Assim, a análise dos achados da psicanálise com uma abordagem semiótica oferece uma perspectiva interessante para compreender o quadro. Ao aplicarmos os conceitos e termos semióticos, podemos refletir sobre os processos subjacentes e tentar compreender melhor as dinâmicas envolvidas. Um dos principais conceitos a serem considerados são os programas, que são estruturas semióticas compostas por um enunciado de estado e um enunciado de fazer. Na neurose obsessiva, esses programas podem ser utilizados para analisar os processos psíquicos em jogo. É importante questionar se o sujeito do fazer e do estado são a mesma pessoa ou se são atores diferentes. Na neurose obsessiva, é comum que o sujeito seja o mesmo, uma vez que está relacionado à pessoa que realiza as ações obsessivas e vivencia os estados emocionais associados a elas.

Nessa lógica, podemos identificar diferentes tipos de programas. O programa de uso refere-se aos padrões de comportamento compulsivo e ritualístico observados na neurose obsessiva, enquanto o programa de base engloba os fundamentos psíquicos subjacentes que motivam e sustentam esses comportamentos.

Além disso, os programas também podem ser classificados como de aquisição ou privação. O programa de aquisição está relacionado à busca de satisfação ou gratificação por meio dos atos obsessivos, enquanto o programa de privação refere-se à tentativa de evitar sentimentos de culpa ou punição através da restrição ou abstinência de certas ações.

Outros termos relevantes para a análise semiótica da neurose obsessiva são doação, apropriação, espoliação e renúncia. Na neurose obsessiva, o sujeito obsessivo doa sua liberdade e autonomia, apropriando-se dos cerimoniais obsessivos como uma forma de controle e segurança. A espoliação ocorre quando recursos psíquicos e energéticos são retirados do sujeito, deixando-o exausto e debilitado. Por fim, a renúncia está presente na restrição de certos desejos e impulsos em prol da manutenção do equilíbrio obsessivo.

No contexto dos programas de performance e competência, os atos obsessivos desempenham um papel central. Os programas de performance dizem respeito às ações realizadas pelo sujeito com o objetivo de alcançar satisfação ou evitar punição. Por outro lado, os programas de competência envolvem a avaliação e

juízo desses atos obsessivos, com o sujeito do estado assumindo o papel de avaliador e o sujeito do fazer sendo responsável pela execução. Podemos compreender o percurso do sujeito na neurose obsessiva como uma combinação desses elementos, envolvendo tanto a competência quanto a performance: o sujeito avalia e julga seus próprios atos obsessivos, buscando alcançar determinados objetivos ou evitar ameaças.

Ainda, torna-se relevante considerar o papel do destinador-manipulador no percurso do sujeito obsessivo. O destinador-manipulador representa as influências externas e internas que pressionam o sujeito a realizar determinados atos obsessivos. Essas influências podem ser representadas por figuras autoritárias ou até mesmo pelo próprio sujeito.

Além disso, a relação entre o sujeito e o objeto (semióticos) também é relevante na neurose obsessiva. O objeto pode ser tanto o objeto real, como um objeto físico ou uma pessoa, quanto o objeto simbólico, que representa um desejo ou uma ideia. O sujeito na neurose obsessiva muitas vezes está preso a objetos específicos, como rituais, números ou pensamentos obsessivos, que são utilizados como uma forma de lidar com a ansiedade e evitar situações de perigo.

Em suma, a análise da neurose obsessiva à luz da semiótica greimasiana revela um intrincado jogo de forças narrativas que ocorrem nos níveis emocional e simbólico. A ambivalência afetiva entre amor e ódio, a cisão psíquica, a manipulação e a sanção são elementos cruciais para compreender o percurso gerativo do sentido na neurose obsessiva. O sujeito obsessivo se vê aprisionado em uma narrativa que o divide internamente e o impede de realizar ações significativas, estabelecendo-se em um ciclo interminável, no qual adia a ação ao envolver-se em tramas outras e complexas.

5.2.2 Reelaborações

5.2.3.1 Com as pulsões de vida e de morte

Cabe, aqui, uma mini subseção para repensar as categorias fundamentais do percurso gerativo. Com a inserção dos conceitos de *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, introduzidos nos anos 20, podemos reconfigurar nosso entendimento do nível das estruturas fundamentais da neurose obsessiva. Em vez de amor e ódio, pulsão de vida e pulsão de morte podem ser oposições semânticas mínimas, as quais se expressariam de diversas formas ao longo do texto. Por exemplo, delas viriam as noções de amor e de ódio, os quais, em nível discursivo, podem se expressar nos mais variados percursos temáticos.

5.2.3.2 Com a segunda tópica

Na análise semiótica proposta, podemos identificar, de forma mais completa, os sujeitos, anti-sujeitos, destinatores no contexto da neurose obsessiva, utilizando uma analogia entre as instâncias da segunda tópica freudiana (Eu, Id e Supereu) e as categorias semióticas. Vamos analisar cada um desses elementos e suas competências.

O sujeito pode ser representado pelo Eu da psicanálise. Ele desempenha o papel central na análise dos processos mentais e é responsável pela tomada de decisões e pela busca de satisfação dos desejos e impulsos. É de sua responsabilidade equilibrar as demandas e desejos individuais com as normas e valores estabelecidos pela sociedade. Ele busca encontrar um ponto de equilíbrio entre as necessidades internas e as exigências externas. Por outro lado, o sujeito possui competências como a capacidade de reflexão, a autorregulação e a capacidade de lidar com conflitos internos e é responsável pelo *fazer* da narrativa.

O anti-sujeito pode ser associado ao Id, que representa os desejos e impulsos instintivos da pessoa, que buscam satisfação imediata, sem considerar as normas sociais ou as consequências. O anti-sujeito é impulsivo, não possui controle consciente e busca a realização dos desejos pela via do princípio do prazer. Assim como o anti-sujeito se opõe ao sujeito na busca pelo objeto-valor, o Id se opõe ao Eu na busca pela satisfação dos desejos sem levar em consideração as restrições sociais. Ademais, opõe-se frequentemente ao contrato estabelecido entre destinador-manipulador e sujeito da narrativa.

O destinador-manipulador pode ser relacionado à instância do Supereu. Ele desempenha um papel de controle e regulação moral, internalizando os valores e normas sociais. O destinador-manipulador é responsável por estabelecer padrões de comportamento, impor regras e convencer o sujeito à determinada ação. Ele tem competências como a internalização de valores morais e a capacidade de impor restrições, estabelecendo um contrato. A fim de que esse contrato seja “assinado”, o manipulador pode se utilizar, como já visto, da sedução, da intimidação, da provocação e da tentação. Por exemplo, podemos pensar os cerimoniais pela intimidação: cria-se um clima de medo ou de ameaça por parte do Supereu, que visa induzir o Eu a realizar determinadas ações por receio das consequências negativas que poderiam advir caso ele não obedeça às demandas impostas pelo Supereu. Outro exemplo seria a sedução quando pensamos na construção de sistemas que elevam o amor próprio. Com a fantasia de que são mais limpos ou corretos, o obsessivo age por meio de atos que visam conferir-lhe tais status. Podemos pensar tal sistema pela sedução: o Supereu oferece ao Eu uma narrativa na qual aquele *sabe* que este possui tais valores, de modo que o Eu, *querendo-os* confirmar frente ao ideal, realiza o *fazer-fazer*. Destaca-se que, como o Eu busca a sua autopreservação e conservação do narcisismo, como vimos no caso do “homem dos lobos”, ele, não muito dificilmente, é levado ao *querer-fazer*, uma vez que compartilha os valores propostos no contrato.

O destinador-julgador também pode ser associado ao Supereu, já que ele desempenha um papel de julgamento moral e crítico em relação às ações do sujeito. O destinador-julgador está ligado à consciência moral e à avaliação das ações de acordo com os valores internalizados. Ele tem competências como a capacidade de julgar, criticar e impor sentimentos de culpa. Assim, ele busca restringir e controlar os impulsos do Id, muitas vezes promovendo um senso de dever e culpa sobre o sujeito da narrativa. Ainda, é ele quem faz uma sanção cognitiva — julga se o que fora acordado no contrato durante o percurso da manipulação foi realizado no percurso do sujeito ou não. Se foi, a retribuição (sanção pragmática) dá-se enquanto prazer; caso não, como angústia. Todavia, parece que o sujeito da narrativa fez mais de um contrato: ao mesmo tempo que busca responder ao Supereu, não quer ignorar por completo o Id e sofre, também, quando tais desejos não são realizados e retornam enquanto sintomas. Pode-se pensar assim, no Id também como um

anti-destinador-manipulador, que visa que o sujeito satisfaça seus anseios; contudo, a realização desses é considerada quebra de contrato em relação ao Supereu e gera sofrimento ao Eu, por não corresponder aos valores daquele.

Assim, a análise narrativa da neurose obsessiva se complexifica com a introdução da segunda tópica: saímos da dualidade entre consciente e inconsciente e aprofundamos a distribuição dos papéis actanciais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho visou uma maior compreensão da neurose obsessiva tanto pela psicanálise quanto pela semiótica. Dessa forma, a leitura e análise cronológica dos textos de Freud permitiu um entendimento mais aprofundado sobre a neurose obsessiva, desde sua etiologia às suas formações de compromisso. Por outro lado, a semiótica atuou como auxiliar na apreensão do sentido que se encontra por trás dos pensamentos, atos, cerimoniais, impulsos e sanções obsessivas, uma vez que se trata de um campo da linguística que se preocupa com o que o texto diz e como ele diz. Isso tudo, claro, sob o enfoque maior da sintaxe narrativa.

Nesse sentido, vimos como os conceitos da neurose obsessiva foram trabalhados por Freud ao longo de sua vida. Ao mesmo tempo, procuramos compreender tais achados pela semiótica greimasiana. Vimos que os papéis actanciais de sujeito, anti-sujeito, destinadores e anti-destinadores são distribuídos entre as instâncias psíquicas, de forma que a neurose obsessiva também atua como um espetáculo que simula o fazer do homem sobre o mundo e até sobre ele mesmo; simultaneamente, evidencia uma série de contratualidades, com estabelecimentos, rupturas e sanções. Desse modo, as produções obsessivas são vistas como *fazer* do sujeito em busca de seus objetos-valor. Entende-se que o sujeito obsessivo é aquele perdido entre as contraditórias manipulações e cujo julgador é um severo Supereu.

Essa pesquisa, entretanto, não é suficiente. É possível vislumbrar diversos caminhos a serem percorridos. Entre eles, pensamos:

1. um estudo epistemológico que abarque as possibilidades de diálogo entre esses dois campos do saber, mas, sobretudo, as incongruências e rupturas existentes, levando em consideração fatores históricos;
2. um estudo sobre a neurose obsessiva e a narratividade, mas com foco sobre a semiótica das paixões; assim, os sentimentos envolvidos estariam sob maior luz;
3. um estudo sobre a neurose obsessiva e o nível fundamental; aqui, ver-se-ia com maiores detalhes a oposição mínima fundamental, as categorias de euforia e disforia, além das relações de contrariedade, complementaridade e contradição

4. um estudo sobre a neurose obsessiva e o nível das estruturas discursivas, onde poderiam ser melhor analisadas os percursos temáticos, a figurativização e as isotopias nos discursos obsessivos;
5. um estudo complementar a esta pesquisa, que também analise em pormenores outros textos de Freud, tais como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *Além do princípio do prazer*, *O Eu e o Id*, *O futuro de uma ilusão*, *Compêndio da Psicanálise*;
6. ainda, pode-se pensar o diálogo entre a semiótica e a psicanálise, no recorte da neurose obsessiva, por outros autores, como Lacan.

Essas são apenas algumas ideias de prosseguimento de pesquisa que, contudo, não esgotam toda a riqueza que o diálogo entre as áreas pode oferecer. Cabe, contudo, sempre respeitar não só os encontros que se possam realizar, mas também os desencontros, que respondem a modelos de saberes distintos — uma vez que cada um apresenta modos de compreender o homem, a ciência e o mundo diferentemente.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 105-130, jun. 2006.
- BARROS, D. L. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.
- BARROS, D. L. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.
- BEVIDAS, W. Psicanálise e Semiótica: situação em 2020. *In: Estudos Semióticos*, vol. 16, n. 1. São Paulo, 2020, p. 11-29. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/167071>>.
- FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900) *In: Obras completas, volume 4*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose. *In: Obras completas, volume 16*: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 214-221.
- FREUD, S. A predisposição à neurose obsessiva. *In: Obras completas, volume 10*: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 324-337.
- FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894). *In: Obras psicológicas de Sigmund Freud*: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 49-72. v. III.
- FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). *In: Obras completas, volume 8*: O delírio e os sonhos na *Gradiva*, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 300-313.

FREUD, S. Caráter e erotismo anal (1908). *In: Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 350-358.

FREUD, S. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”, 1918 [1914]). *In: Obras completas, volume 14: história de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). *In: Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-230.

FREUD, S. Neurose e psicose (1924). *In: Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 176-183.

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”, 1909]. *In: Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 13-112.

FREUD, S. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895 [1894]). *In: Obras psicológicas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 73-88. v. III.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. *In: Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1976.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. 1. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TATIT, L. A abordagem do texto. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística: I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.